

Nº 51

ELAS POR ELAS

A mulher militar na FAB



Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

Elas por elas

A mulher militar na FAB



INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA

Rio de Janeiro

2018

FICHA TÉCNICA

Elas por elas
A mulher militar na FAB

Edição

Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

Editor

Maj Brig Ar R/1 José Roberto Scheer

Autoras

1º Ten QOCon Tec (HIS) Elaine Gonçalves da Costa Pereira

1º Ten QOCon Tec (HIS) Amanda Martins de Brito

Projeto Gráfico

Seção de Desenvolvimento Gráfico e Computacional

Capa

2S Tiago de Oliveira e Souza

Impressão

F&F Gráfica Editora

Rio de Janeiro

2018

Apresentação

“É no espírito de luta e na força do seu instinto que reside o verdadeiro poder de uma mulher”.

Em 1982, elas chegaram. Um tanto assustadas, bem preocupadas e bastante ansiosas para enfrentar um novo desafio em suas vidas, que não só causou certo impacto para cada uma das novas integrantes da Instituição, como também para a própria Força Aérea.

Perseverança, força de vontade e profissionalismo se amalgamaram na doçura, na meiguice e na ternura, fazendo-se respeitar e a mostrar o seu valor, pela postura e qualidade do trabalho realizado.

Não foi fácil, assim o sabemos. Impor-se e ocupar o espaço que não existia requereu paciência e perseverança, mas valeu a pena.

Elas agregaram o que há de melhor da alma feminina ao trabalho então desenvolvido. O jeito especial no trato com os detalhes alterou o ambiente, tornando-o mais ameno e mais leve, sem que os princípios da vida militar tivessem que ser modificados. O astral estava diferente.

A cada período, uma nova especialidade era alcançada, como altos degraus numa escada, que requerem uma subida difícil, cuidadosa, porém segura e firme.

Hoje, estão presentes em quase todos os Quadros, em todas as organizações e unidades, sejam operacionais ou de apoio, realizando suas tarefas de maneira invulgar, com esmero e precisão.

Este trabalho que ora entregamos à Força, revela um preito de consideração à presença feminina na nossa FAB. Ele foi elaborado por duas oficiais historiadoras que, diferentemente das narrativas que conduzem as nossas tradicionais pesquisas, apresentam resumos das experiências vividas por algumas das nossas jovens guerreiras, contadas por elas mesmas.

Suas emoções, dificuldades, expectativas, alegrias e vitórias estão presentes nas palavras de cada uma, que, representando a coletividade das mulheres militares, trouxeram esse toque especial aos nossos quartéis.

A ideia concebida há 36 anos é mais que uma realidade, é uma brilhante conquista, que, com toda a certeza, ressalta que a Força Aérea ganhou mais com as suas presenças do que cada mulher que nela serve.

O poeta espanhol Antonio Machado disse “Caminhante! Não há caminho. Caminho se faz ao andar”. Elas andaram e chegaram, e aí vão as suas histórias.

Com uma taça na mão, desfrute desta boa leitura, brindando a presença da mulher militar na Força Aérea.

Maj Brig Ar R/1 José Roberto Scheer
Subdiretor de Cultura do INCAER

Elas por elas

A mulher militar na FAB

Elaine Gonçalves da Costa Pereira

Amanda Martins de Brito

Esta pesquisa visa trazer à cena o protagonismo da mulher militar da Força Aérea Brasileira (FAB), ressaltando, por meio de entrevistas, o valor das experiências vividas, os desafios superados e o orgulho de servir à Pátria. Sabê-se que a presença feminina no âmbito da FAB ocorre desde a Segunda Guerra Mundial, quando, em julho de 1944, seis enfermeiras passaram a integrar o Quadro de Enfermeiras da Reserva da Aeronáutica. Elas atuaram no teatro de operações como integrantes do Primeiro Grupo de Aviação de Caça (1º GAvCa). Mesmo após o conflito, as profissionais de enfermagem sempre estiveram presentes, trabalhando como civis, nos hospitais da Força.

Hoje, em alguns Quadros, o número de mulheres na FAB é maior do que o de homens. As militares atuam como médicas, paraquedistas, musicistas, controladoras de tráfego aéreo, aviadoras, intendentas, advogadas, historiadoras, entre outras áreas.

Para render essa mesura à mulher, este trabalho foi dividido por temas e dez profissionais foram selecionadas para representar esse vasto universo feminino. A metodologia histórica escolhida foi a História Oral. Optou-se por ouvir os relatos dessas senhoras, por se entender que “pessoas podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea” (CPDOC/FGV). As entrevistas foram transcritas e, posteriormente, avaliadas pelas militares. Sendo assim, almeja-se produzir conhecimento histórico e, sobretudo, institucional, por meio dos depoimentos dessas representantes da Força Aérea Brasileira.

AS PIONEIRAS DO CORPO FEMININO

De uma maneira geral, mesmo com a presença de algumas civis, o ambiente da FAB era, eminentemente, masculino. Na década de 80 do século XX, viu-se a necessidade de ampliar a mão de obra. Sendo assim, foram realizados estudos para a inserção da mulher como militar na Força.

Essas pesquisas culminaram na Lei nº 6.924, de 29 de junho de 1981, que criou o Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica (CFRA). A Lei determinou que o Corpo Feminino fosse constituído pelo Quadro Feminino de Oficiais da Reserva da Aeronáutica (QFO) e pelo Quadro Feminino de Graduados da Reserva da Aeronáutica (QFG).

O recrutamento era feito regionalmente, por meio de concurso público, com as seguintes etapas: prova de conhecimento específico, teste psicotécnico, teste de aptidão física e inspeção de saúde.

As candidatas aprovadas passavam por um estágio de adaptação à vida militar que durava, no máximo, seis meses. Concluída essa etapa, as militares escolhiam a Organização Militar que desejavam servir, de acordo com a ordem de classificação. O preconizado na legislação do CFRA era que essas mulheres serviriam à FAB por oito anos, permanecendo na ativa, de acordo com as necessidades da Força.

Para receber o Corpo Feminino, as Escolas da FAB tiveram que se adaptar. Era necessário preparar alojamentos, ranchos, organizar a equipe de instrução, entre outras providências. A princípio, o curso das graduadas era realizado em Belo Horizonte, no Centro de Instrução de Graduados da Aeronáutica (CIGAR), e o das oficiais, no Centro de Instrução Especializada da Aeronáutica (CIEAR), no Rio de Janeiro. Porém, em setembro de 1983, foi criado o Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica (CIAAR), que concentrava os dois cursos do CFRA. Esse Centro possuía toda a estrutura necessária para receber essas mulheres e adaptá-las à vida militar.



Formatura da primeira turma do QFG. (Fonte: Mulheres Militares)



Demoiselle: A primeira turma do QFO. (Fonte: Mulheres Militares)

Para representar as mulheres do QFO, foram entrevistadas duas oficiais: a Tenente-Coronel **Helena** Gonçalves Francisco, contando a experiência de integrar as primeiras turmas de Oficiais e de estar entre as primeiras mulheres a servir à Força nas mais diversas Unidades. E a Tenente-Coronel **Ester** Ferreira **da Nova** que ingressou como graduada, fez prova novamente e chegou a Oficial Superior, descrevendo assim a progressão de carreira e a experiência em diversos postos.



Helena

Tenente-Coronel

A senhora foi Cabo na Marinha e depois veio para a Força Aérea Brasileira. Por que decidiu fazer o concurso para a FAB?

Eu ingressei na Marinha como Cabo por uma questão puramente profissional. Estava estudando Administração na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, no momento de fazer o estágio, senti muita dificuldade de ser admitida.

Em função de ter tido algumas experiências de seleção que não concordei, resolvi fazer o concurso da Marinha. Lá, trabalhei no Serviço de Assistência Social. Fui muito bem recebida, trabalhava

muito bem, inclusive, começaram a me passar funções que já eram de nível superior, funções de analista de O&M (Organização e Métodos).

Assim que me formei (entrei na Marinha em julho de 1982 e me formei em dezembro do mesmo ano), estabeleci uma meta que, em um ano, eu estaria trabalhando em um emprego com o nível superior e comecei a observar todos os concursos. O primeiro que abriu na Marinha para oficial não teve vaga para Administração. Alguns meses depois, abriu o concurso da Força Aérea que tinha vaga para a minha área. Então, por esse

motivo, eu fui para a FAB. Se tivesse tido concurso para Administração na Marinha antes, talvez tivesse ficado lá.

Como a sua família reagiu ao fato de ter uma mulher militar, em um período em que quase não tinha mulheres militares e era algo muito novo?

Meu pai tinha servido ao Exército. Ele tinha uma admiração muito grande pelas Forças Armadas. Por isso, ficou muito feliz com a minha decisão. Acho que um dos dias que meu pai ficou mais feliz, em relação às coisas que eu tenha realizado, foi o dia da minha formatura na Aero-náutica, em Belo Horizonte.

E como foi o processo seletivo?

Foi muito interessante. Vou detalhar um pouco mais, porque aconteceram várias situações inusitadas. Eu consegui fazer um contato aqui no Terceiro Comando Aéreo Regional (III COMAR) e o Sargento falou para mim: “o edital ainda não chegou, mas quando chegar, lhe aviso.” Não sei se eu liguei ou ele ligou, sei que a informação foi: “acabou de pousar o avião com o edital”. Então, saí, nem almocei e vim direto pegar o material. Quando abri o envelope, pensei: “só tem uma vaga, no Rio de Janeiro. Não vou ser eu que vou entrar”. Foi quando alguém do meu lado falou: “faz sim, porque você pode passar”. E decidi fazer inscrição por causa disso.

Ao retornar ao trabalho, eu tinha que pedir autorização do Comandante para participar do concurso. No mesmo dia que peguei o edital, levei a solicitação e

dei entrada na Seção de Pessoal. Um colega me disse: “você é louca? Vai fazer concurso para uma vaga, no Rio de Janeiro? Vai jogar seu dinheiro fora!” Eu falei: “veremos se joguei meu dinheiro fora ou se fiz um investimento!” E aí pensei: “agora eu vou ter que passar” (risos).

Hoje, vejo que realmente estava focada. Na parte física, preparei-me sozinha. Não tinha assessoria de academia. Quando chegava do trabalho, corria perto de casa, nas piores condições que pudesse encontrar, onde tivesse mais subida.

Existiam muitas candidatas para esse concurso?

A minha turma tinha sessenta militares. Não tenho noção do número de candidatas inscritas no global, mas, para a minha vaga, acho que eram 26. Não lembro se era uma coisa muito divulgada, acho que não.

Se analisarmos, as mulheres, a partir dos anos 1980, começaram a integrar as fileiras militares e, hoje, em muitos cursos, elas são maioria. Nisso, eu acho que os militares saíram na frente, porque utilizaram outros critérios para selecionar o que tinha de melhor no mercado, disposto a integrar seus quadros, e não apenas avaliando se era homem ou mulher.

Como foi o primeiro contato que a senhora teve com a FAB?

O primeiro contato foi muito simpático. Recebi uma carta de boas-vindas e foi enviado um ofício para a Unidade que eu trabalhava, informando minha aprovação

no processo seletivo, que achei muito legal. Dei baixa na Marinha em um dia e fui admitida na Força Aérea no dia seguinte. Eu achei muito organizado na Marinha também, pois ficaram preocupados em não interromper o tempo de serviço. Administrativamente, vi um serviço muito coeso, muito bom. Além disso, foi a primeira vez que viajei de avião. Foi um marco para mim.

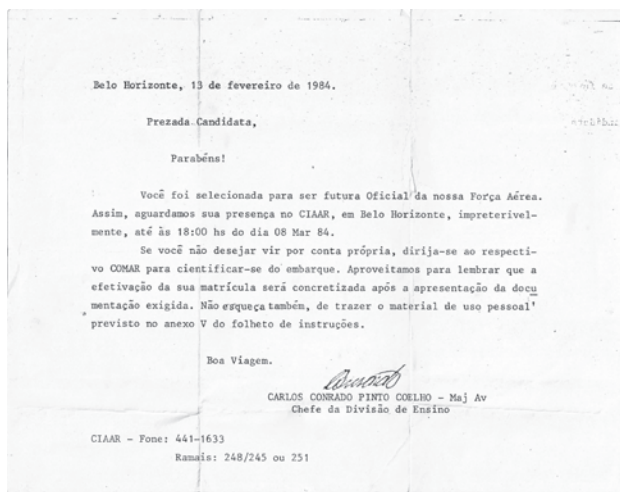
O que as outras pessoas, de outras relações, pensavam ao saber que a senhora passou em um concurso para oficial da Força Aérea?

Essas coisas não conseguimos saber de uma maneira muito explícita, mas, implicitamente, percebemos. Algumas pessoas perguntavam como era a rotina, em relação à inserção da mulher, porque não é o tipo de trabalho que a pessoa vai lá e só trabalha. O militar faz o curso inicial, dor-

me lá, tem diversas missões, entre outras coisas. Então, as pessoas, às vezes, tinham curiosidade em torno disso. Especialmente, por ser uma instituição eminentemente masculina, as pessoas queriam saber como era a convivência do homem com a mulher e eu explicava que nós tínhamos locais separados para dormir, por exemplo, que era feita uma adaptação. Essas eram as dúvidas mais comuns.

Com relação à adaptação, o que a senhora achou da estrutura, quando chegou ao CIAAR?

A Escola de Belo Horizonte já estava adaptada porque tinha recebido as sargentos e as cabos. Era um Centro de Instrução de Graduados e trocou de nome. A Escola, assim como todas as nossas instalações, não era luxuosa, mas era preparada para nos receber. A única coisa que me surpreendeu foi que, na Marinha,



*Carta de boas-vindas enviada às futuras oficiais do QFO.
(Fonte: Acervo pessoal Ten Cel Helena)*

os quartos eram menores, para duas ou três mulheres e, lá no CIAAR, eram alojamentos, onde ficava metade da turma, cerca de trinta mulheres, em um único local. Então, para mim, essa foi a maior surpresa, eu esperava ficar com um número menor de pessoas. Até porque, era muito tímida, mas, no final, foi bom, porque consegui conviver com mais pessoas, que me ajudaram.

de administrar, houve maior preocupação e cuidado com a diferença que tem que ter de tratamento, ser mais educado com uma mulher. E fisicamente, também. É claro que as construções não foram mudadas de um dia para o outro, mas a gente foi colocada no melhor lugar. As pessoas planejaram. A equipe que ia dar o treinamento foi orientada sobre os procedimentos que seriam adotados com as mulheres.



Chegada das oficiais do QFO da turma de 1984. (Fonte: Acervo pessoal Ten Cel Helena)

A primeira turma do QFO teve instrução com oficiais da Marinha. A equipe de instrução da senhora já era da Força Aérea?

A equipe era da Força Aérea, composta por mulheres da primeira turma. Em geral, a minha percepção é que a mulher foi muito bem recebida aqui. Mudou-se a maneira

Dizem que as empresas privadas têm muito mais preparo, mas no meu estágio de Administração eu não fui recebida como na Marinha e na Força Aérea. O tratamento era diferente. Então, em termos de organização, achei que as Forças Armadas estavam muito à frente das empresas.



Turma de oficiais do QFO do ano de 1984. (Fonte: Acervo pessoal Ten Cel Helena)

Como foi experiência de passar um período longe da família?

Desde que entrei para a universidade, eu achava que ia morar sozinha, mas a gente nunca está preparada e sente insegurança de passar por uma situação nova. Na Escola, à noite, quando não tinha prova, a fila era no telefone para falar com a família. Também tinha grande ansiedade para o momento que chegavam as cartas. Tinha correio todo dia.

Foram quatro meses de curso. Eu entrei em março e saí em junho. Nós éramos sessenta mulheres, trinta no mesmo alojamento, e tínhamos as mesmas questões. Logo, ficava mais fácil a gente se reunir para tentar superar. Foi uma experiência muito boa. Hoje, olhando para trás, teria

ficado mais vezes lá, mas eu voltava para o Rio sempre que tinha oportunidade, saía na sexta e voltava no domingo.

Após o curso de formação a senhora serviu no Hospital de Força Aérea do Galeão (HFAG). Como foi a recepção e a experiência no Hospital?

Foi outra adaptação, porque quem estuda Administração não visita hospitais, visita empresas. Então, era um ambiente novo. Tinha outro aspecto também, durante o curso, a gente não aprendeu e não vivenciou o uniforme usado em um hospital. Então, no começo, a gente não sabia identificar um oficial de branco. Foi a primeira coisa que a gente aprendeu. Quando o Diretor chegou, a gente perce-

beu que não sabia reconhecer o uniforme. Não sabia nem onde olhar. Mas a experiência foi muito boa. Eu aprendi muito.

Na época, o Hospital estava começando a fazer o processo de automatização, construindo o prédio para instalar o computador, para, em seguida, desenvolver o sistema. Então, tive oportunidade, como analista de métodos, de fazer exatamente o que era previsto, ou seja, ter contato com o usuário, levantar todas as rotinas, trabalhar como analista, desenvolver e implantar o sistema. Foi um treinamento completo.

E a senhora via diferença entre o trabalho que exercia e o trabalho realizado por um homem? Tinha alguma diferença causada pelo gênero?

Não, o trabalho poderia ser feito por um homem ou por uma mulher. Na nossa equipe, existiam ambos. Na informática, pude ver que havia muita troca de conhecimento, não tinha nenhum tipo de constrangimento de interagir, perguntar e tirar as dúvidas. Eu nunca tive nenhum tipo de problema com essa questão de ser homem ou mulher. A gente se integrou à equipe. Até hoje, fico imaginando se, em outros centros de desenvolvimento de sistemas, existia aquele tipo de coesão que a gente tinha.

No HFAG, já havia mulheres trabalhando. Já tinha estrutura, alojamento e certa vivência com mulheres naquele espaço?

Para mim, o Hospital era o ambiente militar que mais tinha mulheres, porque,

antes da entrada das militares, existiam as civis. Eu acho que se viu a necessidade de uma enfermagem que fosse militar e que tivesse condição de assumir as chefias, tanto que, na minha turma, se formaram 60 mulheres e 30 ou 32 eram enfermeiras. No Hospital, já tinha essa convivência, porque a maioria das auxiliares de enfermagem eram mulheres. Na parte administrativa, acho que também tinha bastante. Então, o Hospital era bem preparado para isso. Quando cheguei lá, já tinha gente no alojamento, que tinha o mesmo *layout* do alojamento dos homens, tudo muito equiparado. Nunca teve diferença não.

Depois do HFAG, onde a senhora serviu?

A minha vida profissional foi bastante diversificada, porque trabalhei no Hospital e, mesmo no ambiente da saúde, mudei de função. Primeiro, eu era a profissional que trabalhava desenvolvendo sistema para treinar o pessoal do Hospital, melhorar o seu trabalho, cadastrar o prontuário e registrar as marcações de consultas dos pacientes. Com a inauguração do Centro de Processamento de Dados (CPD), que era da Diretoria de Saúde da Aeronáutica (DIRSA), fui transferida para lá. Em seguida, passamos a implantar o sistema, que o HFAG era piloto, nos outros hospitais, como no Hospital Central da Aeronáutica (HCA) e no Hospital de Aeronáutica dos Afonsos (HAAF). Fomos à Brasília e ao sul também.

Depois, eu casei e, em 1992 ou 1993, nós fomos transferidos para Belém. Lá,

não tinha essa coisa do sistema e passei a ser uma profissional que trabalhava na chefia de setores, como Almojarifado, Seção Auxiliar, Informática, Subdivisão de Arquivo Médico e Estatística (SAME) e Faturamento. Eu deixei de ser aquela profissional que fazia assessoria, que não tinha atuação na rotina da unidade, para ser alguém que administrava. Então, passei a ter outras experiências.

Quando voltei para o Rio, fiquei na Informática do HFAG um tempo e, depois, fui para o HCA trabalhar realmente em contato com o paciente, como chefe de uma seção da SAME, na marcação de consultas. Eu era o elemento que coordenava a rotina diária, usando o sistema que conhecia e que ajudei a implantar.

Três ou quatro anos depois, fui para Brasília e tudo mudou. Passei a ser Chefe de Pessoal, no Primeiro Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (CINDACTA I), que tinha um efetivo de 1.800 pessoas.

Quando a senhora chegou em Belém e em Brasília, como foi a experiência?

No Hospital de Aeronáutica de Belém (HABE), fui uma das pioneiras em funções administrativas, mas também havia as enfermeiras. Eu assumi muitas funções e o Diretor do Hospital, que já tinha sido meu chefe ficou admirado. Ele viu que eu fazia da melhor maneira possível, que não tinha aquela coisa de estar abalada, porque estava longe de casa.

Já em Brasília, à época da promoção à Major, lembro que um dia entrei na sala do Coronel Negrão e falei: “Coronel, quero falar com o Senhor. Fui promovida.”

Ele disse: “você foi promovida e Chefe da SPM não é função de Major, certo? Para onde você quer ir?” Respondi: “quero ir para o Departamento de Ensino da Aeronáutica (DEPENS).”

No DEPENS, quando cheguei, eu era a oficial mais antiga e também fui muito bem recebida, com carinho e muito respeito. Lá, trabalhei na Divisão de Pessoal, cujo Chefe era um Coronel Aviador e eu, Adjunta dele. Durante seis anos, fiquei na Divisão, chegando a ser a oficial com mais tempo no setor, enquanto os chefes eram substituídos. Fiz bons trabalhos, era designada para muitas funções importantes.

Quando a senhora teve sua filha, como ficou a rotina? Como equilibrou a vida particular e o trabalho?

Fui promovida a Capitã e engravidei logo depois. Eu estava no Rio, trabalhando no HCA. A partir daí, comecei a planejar aquilo que pudesse organizar minha vida, decidi que iria colocar a criança na creche. Algumas mulheres têm muito receio e acham que tem que ficar o tempo todo com o filho. Eu nunca achei isso. Sempre pensei: “a minha vida é essa, tenho quinze anos de serviço e eu vou cumprir os outros quinze que faltam.”

Quando a Juliana nasceu, tirei a licença maternidade e a licença especial. Senti-me muito privilegiada, porque cuidei dela até um ano. Depois, voltei a trabalhar. Fiz o esquema da creche, em que ela ficou por quatro anos sem problemas. Tive muita sorte e tudo funcionou bem. Todas as vezes que minha filha precisou, quando adoecia, por exemplo, fiz a minha função de mãe. Isso é a outra coisa que acho que a Instituição atende muito à mulher, en-

tende as questões da família. Sempre fui muito, muito compreendida nas questões de necessidade de família. Por isso, fazia questão de me doar bastante ao trabalho, porque, todas as vezes que precisei, ficava muito à vontade para me ausentar.

Lembro que, em Brasília, não tínhamos família, éramos nós três apenas e, quando um ficava doente, alguém tinha que cuidar e, quase sempre, era eu, porque, para o homem, era mais difícil faltar. Às vezes, o médico perguntava se queria dispensa do trabalho e eu dizia: “doutor, não preciso de dispensa nenhuma, porque tenho credibilidade e, caso haja alguma tarefa que exija a minha presença, irei.” Sempre procurei tratar isso com muita responsabilidade, porque a Instituição respeita muito a nossa função e deposita confiança na gente. Sempre pensei em corresponder a essa confiança. Era um privilégio trabalhar em um local que me respeitava, confiava no que eu fazia, nas minhas decisões, no meu bom senso e eu tinha que corresponder àquilo. Então, nunca senti culpa em relação a isso, porque procurava fazer o melhor, da melhor maneira possível. Se tivesse que tirar algum tempo, tirava daquele tempo que seria meu. No final de semana e nos feriados, fazia tudo que podia fazer e, quando ia deixar minha filha na creche, ia com muita tranquilidade.

Fazia parte do trabalho da senhora viajar para realizar missões? Havia alguma diferença na escolha de homens e mulheres para essas atividades?

Uma das coisas que ficou muito clara, especialmente quando as primeiras

mulheres entraram e eu acho que estava escrito em um regulamento do QFO, era uma orientação às militares a “não argumentar questões de família.” Sempre pensei que todo mundo fica doente, tanto o homem quanto a mulher. Mas, jamais, em trabalho nenhum, teria coragem de dizer: “não posso, porque tenho filho.” Sempre me achei muito crítica, se assumi um compromisso, tenho que fazer. Se tivesse algum problema que me impedisse e que justificasse, eu ia lá e explicava, mas nunca argumentei isso.

Sempre viajei, sempre gostei de viajar e, pelo fato de ser casada com um militar, o Hermes sempre entendeu isso. Às vezes, as viagens duravam bastante tempo. Já fiz curso de três semanas e não tinha problema nenhum. A hora que fosse, com a antecedência que fosse, nunca disse não para uma viagem.

A senhora sentiu algum tratamento diferente da chefia na escolha de homens ou mulheres para as missões?

Não, nunca teve! As pessoas nos tratam exatamente de acordo com o que estabelecemos na relação com elas. Sempre fui tratada com igualdade. Acho que os chefes sempre me olharam muito profissionalmente e isso fazia com que, nos momentos que precisei dar atenção para a família, sempre fosse muito bem entendida e jamais fui prejudicada por causa disso. Eles sabiam que eu era uma pessoa que tinha foco profissional. Então, acho que isso é o mais importante. Quando nos preocupamos com isso, passamos para as pessoas uma boa imagem e diminui essa questão se é homem ou mulher.

E quando a senhora chegou a Oficial Superior, como foi essa experiência para uma mulher? Como era o relacionamento com os outros militares?

Quando fui promovida a Tenente-Coronel, estava no meio de um grupo de estudo que era formado, basicamente, por oficiais aviadores. Em várias reuniões, em Brasília, eu era a única mulher, porque a maioria das militares era da área de saúde ou de relações públicas. Quando fui promovida, todo mundo viu e me cumprimentou.

Geralmente, escutamos falar, na mídia, de casos de discriminação, mas nunca vi isso. Questões como a mulher ganhar menos que o homem, nem sei como acontece. As pessoas falam com tanta ênfase e é uma coisa que nunca vi. A FAB era uma Instituição onde a maioria era do sexo masculino, o número de mulheres era pequeno, mas fomos muito bem recebidas, inclusive nas abordagens e nos cuidados das conversas entre os homens. Existia um cuidado para nunca se falar algo que não fosse recomendado que uma mulher ouvisse. Sempre vi isso, tanto dos meus pares como dos superiores. Então, considero a FAB uma Instituição muito respeitosa com a mulher.

A senhora gostaria de contribuir com mais alguma coisa?

O que gostaria de falar é o que falo para minha filha: depois de trabalhar trinta anos e viver várias experiências, digo para todo mundo que tem dúvida sobre o que escolher e, às vezes, tem desconhecimento das instituições militares, que eu faria tudo de novo. Sou muito grata à For-

ça Aérea, porque nunca pensei que fosse crescer profissionalmente.

Então, o fato de saber que, na Força Aérea, meu crescimento dependia de mim, sempre foi uma condição muito confortável. Tanto que, no edital do meu concurso, dizia que as militares ficariam por oito anos e, se tivessem boa avaliação, permaneceriam na ativa, de acordo com a necessidade da Força. Quando li isso, pensei: “ah, que ótimo! Vai depender de mim. Então, está tudo certo!” Tinha tanta certeza que casei dois meses antes de decidir se ia ficar na ativa, sem nenhum tipo de preocupação.

É muito bom saber que temos uma carreira, que seremos promovidos. Vejo que a maior queixa das pessoas é quando elas chegam a determinado nível de experiência e ficam fazendo a mesma coisa que faziam quando tinham muito menos idade, menos experiência. Nas Forças Armadas, a gente tem a projeção de ser promovido, viver experiências diferentes, realizar novos trabalhos, tudo em nossas mãos. Eu saí da área da saúde, passei pelo Controle de Tráfego Aéreo e depois fui para o Departamento de Ensino. Tive experiências diferentes que só me enriqueceram como profissional. Vivo muito tranquila, porque uma coisa sempre esteve na minha cabeça e, principalmente, nos últimos anos, quando saía do trabalho, dizia para mim mesma “hoje cumprido o que tinha para cumprir, todas as minhas obrigações”, e ia em paz. Isso é o mais importante. Então, eu tinha essa paz de chegar em casa e cumprir os outros compromissos, porque, quando estava no trabalho, era do trabalho o tempo todo.



Ester da Nava

Tenente-Coronel

Por que a senhora decidiu fazer o concurso para a Força Aérea Brasileira?

Uma amiga decidiu fazer prova para sargento e me incentivou a tentar também. Quando terminei a faculdade de Arquivologia, abriu o concurso. Entrei para a FAB em 1986, na quinta turma de graduadas. Desde o princípio, a minha intenção era entrar como oficial, mas não tinha vaga para arquivista. Em 1989, abriu o concurso para a minha especialidade e eu fiz.

Como foram os processos seletivos para graduado e para oficial?

Em ambos os processos, a seleção era regional. Por exemplo, o candidato se inscrevia no Terceiro Comando Aéreo Regional (III COMAR), que abrangia os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, e concorria às vagas que estivessem naquela região. Quando fiz o concurso para sargento, concorri como técnica de arquivo e acho que eram oito vagas.

Para oficial, foram duas vagas para arquivista, uma no Rio de Janeiro e a outra em Brasília, no Sexto Comando Aéreo Regional (VI COMAR). Estudei muito, pensei que ia ficar louca. Era uma oportunidade única e, de fato, foi a última vez que abriu vaga de Arquivologia para o QFO. Fui a primeira colocada do concurso no Brasil. Se eu ficasse em segundo lugar no Rio de Janeiro, não poderia ocupar a vaga de Brasília. Nesse caso, passaria a pessoa que fez especificamente para lá.

Como não houve um concurso interno de graduados para oficiais, a senhora passou duas vezes pelo processo seletivo?

Sim. Na Marinha, eles selecionavam algumas vagas para o público interno. Mas, na Aeronáutica, não havia essa diferença. Apesar de já ser militar, concorri em igualdade de condições com os candidatos civis. Contudo, as três primeiras colocadas, na área do III COMAR, eram graduadas.

Como foi o primeiro contato com a Força Aérea?

Gostei muito do primeiro contato. Após a formatura, servi no Centro de Instrução Especializada da Aeronáutica (CIEAR). Era um ambiente bom, uma família. As pessoas eram amigas. Todos me ajudavam e faziam brincadeiras. Tinha aquela brincadeira por eu ser a mais moderna, mas me sentia bem e acolhida.

Os mais antigos tinham paciência, porque chegávamos perdidas e fazíamos as

coisas de forma errada. Eles davam bronca, mas orientavam. Sempre tive bons amigos no meio militar, que me ajudaram muito profissionalmente. Até hoje, tenho contato com algumas pessoas que trabalhei entre 1986 e 1989.

O fato de ter sido sargento me ajudou muito quando me tornei oficial, porque entendi os dois lados. O graduado é fundamental e, muitas vezes, não é tão valorizado. Eles são elementos pensantes e não apenas executantes. Tem muita gente boa nesse meio e, sem eles, a Força não funciona. Se o oficial não souber aproveitar tudo que esse profissional tem para oferecer, fica complicado. Eu via isso acontecer quando era sargento. Às vezes, dava uma sugestão e ficava bem claro que pensavam assim “você é sargento, né?” E não é assim que funciona.

Como foram os cursos de formação?

Os cursos duraram cinco meses cada um. Durante a formação de sargentos, ficamos quarenta dias sem sair do CIAAR. Pensei que fosse enlouquecer no meio de tantas mulheres. Foi uma difícil adaptação, porque, além de não poder sair, o aluno tem que estudar, lavar sua roupa e não tem diversão. Então, a gente inventava coisas para fazer e se divertir no fim de semana. Depois da quarentena, era regime de internato.

O curso para oficial, como eu já sabia como era, foi mais fácil. A quarentena não durou quarenta dias exatos. Não ficamos nem trinta dias como internos.

Como foi a recepção na Escola? Como era a estrutura montada para receber as primeiras mulheres?

Achei a estrutura boa e as pessoas eram muito dedicadas. Como outras turmas já tinham frequentado o curso de formação, a Escola estava bem estruturada e preparada para nos receber. Nas primeiras turmas, a equipe de instrução era formada por militares da Marinha e homens militares da Aeronáutica. Eu tive instrutores do sexo masculino também, mas a maioria eram mulheres que se formaram nos anos anteriores.

Com relação à estrutura das Organizações Militares, a adaptação, muitas vezes, ocorria apenas quando as mulheres chegavam ao quartel. Não aconteceu comigo, mas, nas primeiras turmas, houve casos da militar chegar e não ter alojamento nem banheiro feminino.

Considerando que, no final da década de 1980, era muito recente a participação feminina na FAB, como os civis viam uma mulher militar?

Quando fui fazer o concurso, as pessoas perguntavam se eu tinha certeza que queria ser militar, pois consideravam que isso era coisa para homem. Eu respondia que, no mundo inteiro, já tinha mulher militar há muito tempo, desde a Segunda Guerra Mundial, ou antes. Lembro que tive um namorado e, na época, ele terminou comigo porque achava que aquilo não era atividade para mulher. Quer dizer, acho que ele não queria nada comigo mesmo. Então, foi bom, né?! Despachou, menos um (risos)!

Mas algumas pessoas achavam o máximo. Minha mãe, por exemplo, mostrava a foto para todo mundo e falava orgulhosa “minha filha é da Aeronáutica!” A única dificuldade dela era porque sou filha única e morávamos só nós duas. Ela disse que pediu a Deus, várias vezes, para eu não passar, porque sabia que o curso ia durar cinco meses e seria em Belo Horizonte. Porém, depois que passei, foi a minha maior incentivadora.

Com o tempo, as pessoas na família, na igreja e em todo lugar também foram se acostumando. No início, tive certa dificuldade, até mesmo na Força, porque tinha um preconceito muito grande. A gente dava opinião e falavam: “ah, mas você é do Quadro Feminino.” Tivemos que nos impor, porque foi muito difícil. Era algo meio velado, mas existia.

Houve alguma diferença entre ser oficial mulher e ser graduada?

Para mim, ser oficial era muito mais difícil, porque éramos os principais assessores nas tomadas de decisões do Comandante. Às vezes, ele ou quem o assessorava não considerava a opinião de uma mulher e sempre pesava mais a ideia dos homens, com raras exceções. Demorou até que os Comandantes se habituassem à presença da mulher, porque, ao longo dos vinte ou trinta anos de carreira, nunca tinham sido assessorados por elas profissionalmente. Acho que eles tinham o apoio da esposa e das filhas em casa, mas era diferente. Acredito que não era preconceito simplesmente. Eles tiveram que se adaptar a nossa presença, porque

a visão da mulher, na sociedade, era outra. Para mim, o início como sargento foi mais fácil, porque o oficial, geralmente, respeita os graduados igualmente, independente do sexo.

Houve algum momento em que o trato entre os oficiais ficou nivelado?

Sim. No meu caso, comecei a ser mais respeitada quando me tornei Oficial Superior. É incrível como é diferente, tanto que recebi outra carta patente. Enquanto era Tenente ou Capitã, tive grandes chefes, que consideravam a minha opinião e o meu assessoramento, mas quando fui promovida à Major, passei a ser vista de outra maneira.

Como era a progressão da carreira no Quadro Feminino?

Era diferente dos demais quadros. Essa questão foi muito complicada. A Lei de criação do QFO previa todos os postos até Tenente-Coronel. No entanto, as primeiras turmas padeceram, porque ficaram anos sem promoção. Inclusive, teve gente que ficou quatorze anos como Tenente.

Acho que fiquei quatro anos como Segundo-Tenente e seis como Primeiro-Tenente, um total de dez anos. Ao longo do tempo, isso foi regularizando, mas sem-

pre muito diferente dos homens, principalmente os aviadores. Havia, ainda, uma diferença entre os quadros que são formados na Academia da Força Aérea e os que não são formados lá. De todos, o nosso era o pior em termos de interstício¹. Escutava muito “Você não entende, porque não fez a AFA.” Isso acontecia não só com o Corpo Feminino, mas a gente ouvia muito isso.

O interstício das graduadas também era diferente?

Não. O interstício do QFG era igual ao do Quadro de Suboficiais e Sargentos (QSS) formado na Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR).

Depois que a senhora concluiu o curso de formação de oficiais, foi designada para o Centro de Documentação da Aeronáutica (CENDOC). Como foi a recepção?

Foi boa também. Fui muito bem recebida no CENDOC. Já conhecia algumas pessoas, o que facilitou bastante para mim. Eu gostava da equipe, que tinha em torno de dez militares do QFO, entre arquivistas, bibliotecárias, relações públicas e jornalistas. Além disso, era uma organização de documentação, que é a minha área. Então, para mim, foi bom tanto o aspecto técnico quanto o militar.

1 Período mínimo de serviço no posto, no quadro considerado, necessário para que o militar adquira os conhecimentos e a experiência desejáveis para o desempenho das funções dos cargos militares do posto superior (Decreto nº 9.049, de 12 de maio de 2017).

Como foi a experiência de chegar a Oficial Superior sendo mulher?

Quando fui promovida, já tinha bastante mulher nessa situação. Eu fui muito respeitada. O Oficial Superior é o assessor mais direto do Comandante e começa a fazer os cursos para comandar. Em tese, as militares do QFO não iam ser Comandantes e, por isso, não faziam os cursos destinados para este fim. As autoridades achavam que não havia cargos de chefia para a gente. É claro que tinha! As arquivistas poderiam ser Chefes do CENDOC, as psicólogas, Diretoras do Instituto de Psicologia da Aeronáutica (IPA) e assim por diante.

Depois que saí do CENDOC, fui servir no Serviço Geral de Correspondência e Arquivo da Aeronáutica (SEGECAE), onde fiquei por dezoito anos. Quando fui promovida, permaneceram dois Tenentes-Coronéis no quartel: o meu chefe e eu. Ele me respeitava muito. Inclusive, autorizou a minha transferência para o Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER), pois chegou um momento que eu quis sair, mesmo gostando de lá. Anteriormente, tinha tentado ser transferida e não consegui, uma vez que eu era imprescindível como Subcomandante, mas não podia ser Comandante.

Ao mesmo tempo em que a gente tinha o respeito de ser Oficial Superior, existia uma frustração de ver os nossos companheiros homens planejando fazer curso na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (ECEMAR), preparando-se para comandar uma organização e isso não estava previsto para o nosso Quadro, ou seja, nem tínhamos essa oportuni-

de. Não existia a possibilidade, pela política da Força, de ter uma oficial do QFO chefiando o SEGECAE, por exemplo, mesmo sendo previsto o posto de Tenente-Coronel para comandar essa Organização voltada para documentação e correspondência.



Ten Cel Ester da Nova na passagem de Direção do INCAER. (Fonte: Acervo pessoal 1º Ten Elaine)

A senhora sentia diferença no tratamento dos superiores pelo fato de ser mulher?

Não tive tanta dificuldade, porque, no CENDOC, onde servi por três anos, eu era uma das oficiais mais modernas do QFO e as mais antigas tinham preparado o caminho. Fui mostrando o meu trabalho como técnica e como militar. No SEGECAE, fui a primeira oficial da OM e tinha bastante respeito dos meus superiores que consideravam muito a minha opinião. Não tomavam uma decisão sem me consultar. É claro que, em alguns momentos, eles tinham que tomar a própria decisão.



Cap Ester da Nova no SEGECAE.

(Fonte: SEGECAE)

Sempre tive sorte de trabalhar em uma organização que era muito afeta a minha área, o que nem sempre acontece. Por exemplo, uma arquivista que trabalhava em uma Base Aérea deve ter tido mais dificuldade que eu, por estar em um local que não é muito afeto a sua área de formação.

Eu era a técnica e usava a minha especialidade. Empenhei-me dentro do militarismo. Falava: “não sou arquivista, sou militar.” Sempre gostei de cumprir as regras, assessorar e mostrar lealdade ao meu Comandante. Mesmo não concordando com alguma decisão. Isso é difícil, mas sempre tive essa postura. Com isso, fui ganhando a confiança dos meus Chefes.

Cheguei no SEGECAE como Segundo-Tenente e saí Tenente-Coronel. Durante dezoito anos, fui Subcomandante, porque era a segunda mais antiga da Organização. Não existia intermediário entre o Chefe e eu. Sempre falo que aprendi a ser oficial lá.

Ao longo da carreira, a senhora já teve algum problema com as militares subordinadas?

Vou contar a experiência que tive. Cheguei a uma organização em que não havia oficial feminino e algumas graduadas eram tratadas como bibelôs. Alguns oficiais falavam: “coitadinha da sargento.” Eu perguntava: “coitadinha por que, Coronel? Porque o senhor não fala coitadinho do sargento?” E ouvia como resposta: “ela é mulher.” Então, argumentava: “pega o contracheque dos dois, é igualzinho, por que o senhor trata ela assim?” E a resposta era “ah, ela não pode.”

Então, no SEGECAE, várias vezes, fui “a madrasta da Branca de Neve”. O meu Chefe falava: “olha, Ester, a fulana está com o esmalte vermelho.” Se ele viu, por que não falou? Eu tinha que ir e falar, com bastante educação: “oi, tudo bem? Como você está? Sabe que não pode usar esmalte vermelho, né?!” Algumas iam chorar com os oficiais e diziam: “ah, a Tenente não gosta de mim.” Cheguei a ter problemas, porque, uma vez, quando era Capitã, veio uma militar trabalhar comigo e, quando ela precisava de dispensa, falava direto com o meu Chefe. Eu era tida como malvada, mesmo fazendo a coisa certa. Não estava sendo cruel ou perversa, nem comendo o fígado de ninguém, ao dizer: “Fulana, a sua calça está apertada, a sua saia muito curta ou o seu cabelo comprido.” Muitas vezes, o argumento era: “ah, mas todo mundo usa.”

Certa vez, quando eu era Capitã ou Major, não lembro exatamente, chegou uma militar com um esmalte verde e mandei tirar. Ela disse que não tinha acetona. Nesses casos, eu costumava ter para emprestar. Era um estresse que julgava desnecessário, ter que falar algo que a pessoa deveria saber. Uma coisa é um deslize, porque errar é humano, outra é a pessoa saber e fazer. No prédio do Ministério (da Aeronáutica), as pessoas colocavam laçarotes no cabelo com farda. Às vezes, era mais antiga e eu não podia falar nada.

Acho que era a postura de algumas militares que queriam ser tratadas como bibelôs. Eu fazia questão de não ser tratada assim. Nesse ponto, tive dificuldade. Não é questão de a militar querer ser vista dessa maneira, é da personalidade da pessoa e do tratamento dado a ela. Em outros ambientes de trabalho, também vemos mulheres querendo ser coitadinhas.

A senhora teve problemas com os subordinados homens pelo fato de ser mulher?

Nunca ninguém deixou de cumprir uma ordem. Era raro, mas acontecia de homens que já estavam há mais tempo na Força, como Primeiro-Sargento ou Suboficial, falar: “Tenente, a senhora é muito novinha, não sabe disso.” Percebia que era pelo fato de ser mulher e por eles nunca terem tido uma Chefe.

Alguns tinham dificuldade de me chamar de senhora. Uma vez, tive que conversar com um Suboficial que me chamava de você, porque tinha idade para ser meu

pai. Falei: “olha, sei que você gosta muito de mim, mas não pode me chamar assim na frente das pessoas, em um ambiente de trabalho.” Ele disse: “a senhora tem razão” e mudou o tratamento. Eles tinham dificuldade de entender que uma mulher nova era a Chefe, porque, muitas vezes, a filha deles era mais velha do que eu.

Então, no início, tive essa dificuldade, mas não foi nada grave. A maior parte dos homens ajudava muito. Quando era Tenente, eles me assessoravam bastante, por serem mais experientes.

A senhora tem contato com outras pessoas da sua turma, tanto de graduado como de oficial? Existem encontros de turma?

É engraçado que nenhuma das duas turmas faz encontro, mas eu tenho contato com algumas pessoas, tanto de sargento como de oficial, até hoje.

Tem mais alguma coisa que a senhora queira acrescentar, principalmente com relação ao pioneirismo e à progressão da carreira?

Acho interessante as Forças Armadas terem aberto espaço para a mulher. Ver o respeito pelo profissional, independente do sexo. O QFO foi pioneiro nisso, o que é muito importante. Cada vez mais, homens e mulheres estão em igualdade. Por exemplo, na AFA tem as cadetes aviadoras e intendentess. Ainda não tem as infantess, mas, um dia, chegaremos lá. Inclusive, tivemos homens e mulheres Presidentess da República.

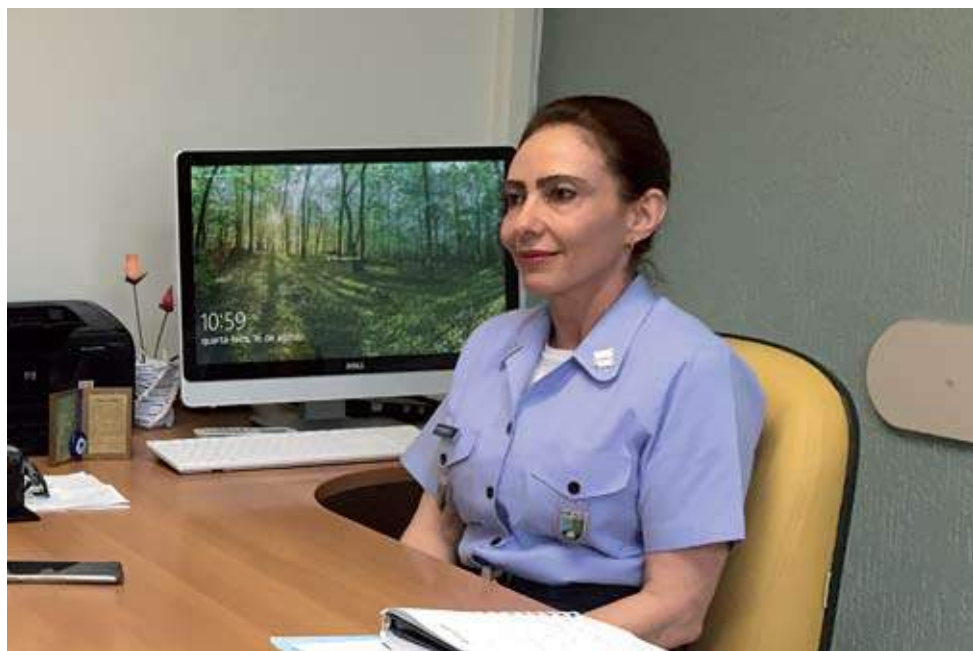
Mas, a gente ainda vê, no mercado de trabalho e no ambiente militar, que essa diferença existe, ainda que velada. Por outro lado, hoje, há alguns problemas que as oficiais que fazem a AFA não devem ter mais, porque, lá atrás, preparamos o caminho para elas. Então, fico satisfeita com isso, pelo fato delas terem o respeito que muitas de nós não tivemos. Alegro-me quando vejo reportagens e aparece uma oficial pilotando um avião. Acredito que as Forças Armadas deram um passo importante e fico feliz de ter feito parte dessa história.

AS PRIMEIRAS COMANDANTES

Durante muitos anos, comandar uma Organização Militar ou uma Unidade Aérea dentro da FAB foi uma responsabilidade exclusiva dos homens. Essa situação está mudando. Desde 2014, há mulheres em posição de Comando nas Prefeituras, Odontoclínicas e Hospitais da Força Aérea.

Para representar essas mulheres, entrevistou-se a Coronel **Carla Lyrio** Martins, que, atualmente, é a mulher mais antiga da FAB. Além de ter sido uma das primeiras mulheres a comandar, a Coronel fez parte da primeira turma de oficiais médicos, dentistas e farmacêuticos, em que as mulheres foram admitidas, ainda em 1990. Cabe destacar que no Quadro de Oficiais Médicos, o mesmo da Coronel, as mulheres têm a possibilidade de chegar a Oficial General, posto não previsto no QFO.

Após uma vasta experiência como militar que serviu em Esquadrão de Caça e em diversos hospitais da Força, espalhados por todo o Brasil, a designação para comandar uma OM ocorreu no final de 2014, tendo a Coronel Carla Lyrio assumido a Diretoria da Casa Gerontológica de Aeronáutica Brigadeiro Eduardo Gomes (CGABEG) em janeiro de 2015.



Carla Lyrio

Coronel

Quando a senhora decidiu entrar para a Força Aérea e como foi o primeiro contato?

Na verdade, foi uma escolha de vida. Não tenho militares na família. Estava terminando a faculdade de Medicina. Então, fiz levantamento de curso e concurso que poderia fazer depois da minha formatura. Entrei para a Força Aérea em 1990. Fiz o processo seletivo no âmbito nacional e tive a felicidade de ser aprovada. O meu curso foi realizado no Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica (CIAAR). Mi-

nha turma era formada por médicos, dentistas e farmacêuticos, sendo a primeira formada por homens e mulheres.

A partir do momento que entrei na quarentena e tive contato com o que é realmente a vida de caserna, vi que não era um emprego, mas sim uma escolha de vida. Identifiquei-me desde o início, abracei essa carreira, faz parte da minha vida. Tenho mais anos de tempo serviço do que tinha de vida quando entrei na Força Aérea. Foi a melhor escolha que eu podia fazer em termos pessoais e profissionais.

Como foi a experiência de integrar uma turma mista? A Escola estava preparada?

Estava. Nossa turma foi extremamente bem recebida na Escola. Foram cinco meses de adaptação e formação a respeito das particularidades da vida militar. A gente aprendeu muito, sobre todas as áreas e não tive qualquer tipo de problema em relação à coexistência de homens e mulheres no mesmo ambiente de estudo. Foi muito natural. Não houve dificuldade, pelo menos, que eu tenha percebido.

Tratavam de maneira igual. Acho que é um privilégio ter participado disso. Meu curso para adaptação militar foi excelente! A nossa turma era muito boa, nos encontramos de uma forma muito interessante. O curso era em horário integral, diferente da rotina da vida civil. Durante os momentos de dificuldade, a gente acabava se unindo e isso dura até hoje. A quantidade de homens e mulheres da turma era bem equilibrada e tivemos a oportunidade de concorrer igualmente pela capacidade intelectual e física.

Tinha cota para mulheres no concurso?

Não tinha cota. Eram vagas para médicos, em igualdade de concorrência. Depois que entrei, escolhi trabalhar em Santa Maria, no Primeiro Esquadrão do Décimo Grupo de Aviação (1º/10º GAv), que é de Caça e de Reconhecimento Tático. Com isso, tive a oportunidade de conhecer a Força Aérea pela parte operacional. Viver essa experiência foi um privilégio

que é até difícil verbalizar, porque poucas pessoas têm essa oportunidade que eu tive. Fui a primeira médica do Esquadrão, a primeira mulher aeronavegante com atividade a bordo. Quando entrei no 1º/10º GAv, teve banda de música e banho de mangueira de bombeiro. Afinal, é um Esquadrão de Caça!

Fui muito bem recebida. Durante o período que servi no Esquadrão, voei na aeronave AT-26 Xavante, onde fiz as missões. Até hoje, sou convidada para os aniversários. Quando encontro com a equipe com a qual convivi, é sempre uma alegria muito grande.

A senhora já era esperada no Esquadrão?

Sim, já estava sendo esperada. Mesmo durante o curso, já existia a sinalização que iria para lá. Nesse período, também fiz o Curso de Medicina Aeroespacial no Núcleo do Instituto de Fisiologia Aeroespacial (NuIFISAL), aqui no Rio. Nesse curso, eu era realmente a única mulher.

Recentemente, um Brigadeiro, que foi Tenente comigo na época do curso, me disse: “Carla, quando você chegou, a gente ficou naquela expectativa, mas pouco tempo depois, você já era uma de nós.” E ninguém via diferença de gênero. Eu participava das missões e das atividades sociais. Foi muito bom.

Em nenhum momento ocorreram situações em que a diferenciavam em função do gênero?

Jamais teve isso, sempre foi igual.

Depois de servir no 1º/10º GAv, a senhora seguiu para a AFA. Já tinha mulheres servindo lá? E Cadetes mulheres?

No hospital, já tinha enfermeira do QFO trabalhando. Também tinha uma psicóloga no Esquadrão e eu fui para a Esquadrilha de Saúde, trabalhar na clínica médica do hospital. No Corpo de Cadetes não, eram só homens. As mulheres vieram depois, acho que em 1996, mas, nesse período, eu já tinha ido servir em Fortaleza.

Onde a senhora serviu em Fortaleza?

No hospital, situado dentro da Base Aérea. Fiquei lá por cinco anos e, nesse período, cursei dois anos de hematologia, na Universidade Federal do Ceará (UFC). A Base Aérea era extremamente operacional, e tinha, inclusive, um Esquadrão de Caça. Havia alerta de pista, a gente ficava de sobreaviso e nós do Hospital também participávamos das missões do Esquadrão. Foi uma experiência muito boa, uma dinâmica diferente.

De Fortaleza, fui para São José dos Campos que é uma unidade completamente diferente, com particularidades muito interessantes. É fantástico, é motivo de orgulho de pertencer à Força Aérea! A gente tem o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), que tem um capital intelectual diferenciado, acho que único. Tem o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e a EMBRAER ao lado.

Também servi no hospital. Lá fiquei menos tempo, porque meu marido, que também é militar, foi fazer um curso e

fui acompanhando. Por isso, realizei essas movimentações, que para o pessoal da saúde não são tão habituais. Ele ficou em São José dos Campos um ano e eu nove meses, pois, nessa época, eu dava aula na UFC. Então, fui um pouquinho depois e, de lá, vim aqui para o Hospital de Força Aérea do Galeão (HFAG) trabalhar no setor de hematologia.

O HFAG é o hospital de maior complexidade da Aeronáutica. Estar lá, para mim, foi uma escola. Onde aprendi bastante na parte de hematologia, na área técnica, de procedimento, além de ter a oportunidade de interagir com grandes especialistas de diversas áreas, sendo muitos deles referência na esfera nacional. Também aprendi muito, como Chefe da Hematologia, de Clínicas Médicas e de Divisão Médica.

Fiquei no HFAG até 2014, quando tive a designação para ser Diretora da CGA-BEG. Isso, para mim, foi motivo de muita honra e muito orgulho. Foi outra escola, não no viés técnico, mas no viés administrativo. Tive a oportunidade de colocar em prática tudo aquilo que tinha aprendido nos cursos que fiz ao longo da carreira: MBA, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica (EAOAR), e Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (ECEMAR). Pude executar toda a parte de administração e, ainda assim, aprender muito. No trato com pessoas, a área de gestão é completamente diferente da saúde. A CGABEG, então, para mim foi muito importante, além da missão que é muito especial de lidar com uma população que necessita de cuidados diferenciados.

O que a senhora sentiu quando a designaram Comandante? Houve medo?

Medo nunca tive. Eu gosto de participar e decidir, mas é fato que falei: “meu Deus do céu, será que vou dar conta!” Depois, um amigo me falou: “Carla, a gente sempre tem essa sensação, mas a missão não vai ser maior que nós. De qualquer forma, precisamos das pessoas, elas vão nos ajudar a exercer as atividades, a executar essa tarefa e cumprir a missão da melhor maneira possível. Tenho certeza que você vai conseguir.”

Tive muito apoio, tanto interno como externo. Da minha diretoria, de outros comandantes, de muitos amigos, de muitas pessoas, e isso fez com que minha gestão tivesse um êxito bom, a meu ver e de outras pessoas, pois já tive esse *feedback*. Mas, foi um impacto! Eu estava no HFAG como chefe de Divisão Médica, trabalhando com paciente, com conduta médica, era um foco técnico e, então, fui para um foco administrativo e aprendi muito. Acho que agora na função

de Vice-Diretora do HFAG tem sido de grande valia a experiência que tive no Comando da CGABEG, porque já enxergo as situações que se apresentam com mais ferramentas, que, inclusive, me auxiliam nas tomadas de decisão, para poder fazer a missão e para conduzir as condutas que traço. É motivo de orgulho, uma honra, uma responsabilidade muito grande. Um reconhecimento e fiquei muito feliz.

Como era o relacionamento da senhora com outros Comandantes?

Com o maior respeito e cortesia em 100% das vezes. Nunca houve diferença em função de gênero, em momento algum. Tem sido muito simples essa parte para mim. Eu, pessoalmente, não sofri nenhum tipo de discriminação pelo fato de ser mulher. Entendo que diferenças existem, tanto no nosso país quanto nos outros países nas mais diversas situações. Na Força Aérea, nunca percebi qualquer tipo de preconceito. Sempre fui muito bem recebida e, sinceramente, foi de uma forma muito natural.



Cel Carla Lyrio assumindo a Direção da CGABEG. (Fonte: FAB)

Como foi a experiência de comandar?

Foi ótima! Rica, diferente, e uma oportunidade de exercer a liderança, com um grupo de pessoas e de contribuir para o cumprimento da missão de uma Organização Militar. Isso faz com que a gente se sinta importante. Deixar um marco, no sentido do aprimoramento, de contribuir para renovar, inovar e isso, consegui fazer. Foi uma experiência que me enriqueceu muito como pessoa, não apenas como militar.

Como o efetivo se portou com uma comandante mulher, viam diferença?

Diferença nunca houve. Não que eu saiba. Acho que qualquer pessoa estando na posição de Comandante é preciso ter compromisso com as decisões que toma, com a responsabilidade e tem que ter ousadia, segurança, confiança nas pessoas, saber se manifestar, dizer o que a gente espera de cada uma das pessoas. A partir do momento que o Comandante, seja homem ou mulher, consegue fazer isso, a resposta vem naturalmente, é imediata. Foi assim que procurei me portar. Sempre procurei ouvir as pessoas e participar daquilo que me estava sendo apresentado, acho que não foi difícil. É preciso saber exercer a autoridade que o posto e a função conferem. A partir do momento que você a exerce, é fácil.

Como foi dividir o papel de mãe com a vida militar e com a missão de ser Comandante?

Eu tenho dois filhos, uma filha de 21 anos e um filho de 19. E considero uma

responsabilidade. Na verdade, a gente sempre compartilhou os sentimentos e as decisões. Meu marido ajudou, sempre estivemos juntos no mesmo barco. Então, também não tem sido difícil conciliar. É claro que, às vezes, procuramos ter mais tempo no trabalho, quando tem mais responsabilidade. O tempo que temos para estar com os filhos não é o que gostaríamos, mas sempre procurei acompanhar os meus filhos da melhor maneira possível.

Agora, meus filhos estão maiores, mas ainda não tem ninguém casado, moramos todos juntos. Então, quando estou com eles me dedico 100%, procuro participar. Temos muito carinho, isso tudo facilita e eles têm muito orgulho, gostam de ver e de participar. A minha filha está fazendo faculdade, começou a estagiar agora e é muito gostoso quando a vejo falando: “mãe, contei lá no estágio que você foi a primeira Comandante.” A gente percebe que também é o modelo, é um exemplo que motiva, não só as pessoas que estão no nosso entorno, mas os meus filhos, a minha família, que é o mais importante. E mesmo vindo de uma família de militares, eles não demonstraram interesse por seguir a carreira, mas, se demonstrassem, eu apoiaria, até mesmo a minha filha.

Como a família da senhora, amigos e outros médicos reagiram quando souberam da designação para Comandar a CGABEG?

Sempre causa interesse. As pessoas gostam de saber, elas acham diferente, porque realmente foi. Marcou a minha vida. Sei que também na Força Aérea foi

um marco e não chega a ser uma estranheza, é mais uma curiosidade de saber: “como que é? Como que foi? É difícil, não é?”

É claro que é difícil. Tem que ter toda uma dedicação especial, pois a responsabilidade é muito maior. A gente passa a ser uma ordenadora de despesas e tem uma série de pessoas que estão na nossa subordinação. Então, isso pode causar realmente essa curiosidade. Mas, da minha família, sempre tive muito apoio.

No meu núcleo familiar, somos nós quatro: meu marido, meus filhos e eu. A minha família é de Belo Horizonte, a dele é de Santa Catarina. Então, sempre nos organizamos aqui entre nós mesmos, um apoiando o outro e acho que isso é o mais importante. Quando não posso fazer uma atividade, meu marido faz. Acredito que a palavra-chave é compartilhar. Fica fácil quando são coisas boas, mas as difíceis a gente precisa mais ainda desse apoio, de dividir essas responsabilidades.

O pessoal prestigia e elogia. Isso é muito bom. E faz a gente querer fazer um trabalho melhor, porque sabe que está no foco.

Como foram e o que representaram os anos de comando para a senhora?

Um marco! Foram dois anos e um mês que tive a oportunidade de aprender e praticar muito daquilo que fui adquirindo de experiência profissional. Eu acho que essa carreira que abracei na Força Aérea me proporcionou muitas oportunidades. Então, foi um privilégio para mim.

A senhora passou o Comando para outra mulher? Sinal que a fórmula deu certo.

Passei. A mulher tem uma sensibilidade diferenciada. Eu acho que as coisas se complementam. Se fosse todo mundo igual ia ser monótono e não ia haver crescimento. Na diferença é que a gente cresce. É interessante ter perspectivas diferentes e ter a sensibilidade feminina, porque, a partir daí, novos caminhos e novas possibilidades se apresentam. É bom ter homens e mulheres.



Cel Carla Lyrio na passagem de Direção da CGABEG para a Cel Eliane. (Fonte: FAB)

O que a senhora tem como perspectiva de carreira?

O ano de 2017 tem sido muito bom na Vice-Direção. Tenho orgulho de trabalhar nesse Hospital, porque me identifico muito com que a gente produz. Estou feliz em poder atuar no sentido de melhorar os processos, de criar rotinas, isso a gente está conseguindo fazer e, para mim, é importante que seja feito, porque esse Hospital precisa funcionar da melhor maneira possível.

Em 2018, vou fazer um curso para Oficial General na Escola Superior de

Guerra (ESG). Esse é o meu projeto. Vou aproveitar ao máximo esse curso que eu já sei que vai ser muito interessante, porque pessoas de outras áreas participam, como juízes e desembargadores, assim como militares de outras Forças. Então, sei que existe a possibilidade de interagir e, como falei, é na diferença que a gente aprende, e eu quero aprender.

Há algo mais que a senhora queira registrar?

Devo ter falado aqui desse orgulho de ter optado pela carreira militar, isso carrego comigo. Tenho esse orgulho! Sinto-me muito feliz de ter feito essa escolha. Acho que isso é bacana de ficar registrado e divulgar, porque é uma carreira muito bonita. Temos um plano de carreira, tem todo um projeto de vida que a gente pode construir com base nessa opção.

A MULHER MILITAR NA FAMÍLIA DE MILITARES

Assim como em diversos aspectos da vida, não é raro que os filhos busquem seguir os mesmos caminhos profissionais dos pais. Muitas vezes, observamos que a escolha da profissão se dá por influência da tradição que a família transmite para os filhos. No meio militar não é diferente. Há diversos casos de militares que inspiram seus filhos e filhas, sobrinhos e sobrinhas, netos e netas, e vários outros integrantes da família a seguir a profissão.

Devido à dedicação integral que a vida na caserna exige, muitos militares levam para as suas casas e para a educação de seus filhos os princípios da hierarquia e disciplina, que aprendem logo nos primeiros dias dos cursos de formação e que norteiam a sua conduta por toda a carreira. Assim, por estarem em contato constante com esses valores e por conhecerem a rotina da vida militar de maneira muito próxima, muitos filhos se interessam por seguir essa carreira naturalmente.

Representando as mulheres que foram criadas em famílias tradicionalmente militares e que optaram por seguir a carreira, foi entrevistada a Tenente-Coronel **Marcele** de Oliveira Coimbra, que teve seu pai, tio e avô como exemplos. Ela é a personificação de um ditado muito conhecido no meio militar: “a palavra convence, mas o exemplo arrasta.”



Marcele

Tenente-Coronel

A senhora possui militares na família?

Sim. Meu pai é Brigadeiro, meu avô e meu tio são coronéis do Exército, além de meu marido que é Coronel Aviador. Em minha família, sempre admiravam as pessoas que seguiam a carreira militar. Minha avó gostava muito. Quando decidi entrar para a Força Aérea Brasileira (FAB), foi motivo de orgulho, pois nenhum dos cinco netos quis seguir a carreira militar, a não ser uma prima que também serviu à FAB como oficial temporária. Minha avó vibrava com as netas! Ela foi à minha formatura na Escola Preparatória de Cadetes

do Ar (EPCAR), gostava de ir às cerimônias militares, de ver o rancho e achava tudo legal. Acho que se, na época dela, tivesse a opção de seguir esse caminho, certamente teria ido. É uma satisfação poder dar continuidade a essa tradição.

Dentro do militarismo, ainda existem valores que a minha família possui e que a sociedade tem buscado resgatar: lealdade, honestidade e integridade. É muito bom trabalhar em um lugar que podemos exercer os nossos princípios com liberdade. A influência familiar foi fundamental, vejo que o que aprendi em casa tem tudo a ver com os valores da caserna.

A senhora teve vontade de ser militar por influência da família?

Meu pai me inspirou. Ele é aviador e, durante suas viagens, sempre guardava o lanche de bordo para a gente. Eu costumava ficar brincando embaixo do bloco em Brasília e quando enxergava a viatura da Aeronáutica chegando, corria ao encontro dele. Ele dividia o lanche de bordo comigo e meu irmão, era uma festa, cada um escolhia uma coisa: maçã, refrigerante, bombom... Imagino que ele deixava de comer aquele lanchinho para chegar em casa com um presentinho para nós. Sentia-me muito feliz com essa atitude. Acho que é uma das boas lembranças que tenho da infância. Sempre admirei muito meu pai e queria ser igual a ele.

Além disso, por conta dos valores que aprendi em casa, me identifiquei com a vida militar. Quando iniciei o curso de Odontologia, não existiam vagas para mulheres na Academia da Força Aérea (AFA). Quando abriram as vagas para as cadetes no Quadro de Oficiais Intendentes, eu estava no último ano da faculdade. Queria tanto ser militar que pensei em largar tudo e tentar o concurso para AFA. Mas meu pai me orientou: “Marcele, não faça isso! Termina a sua faculdade e depois você faz prova para ser dentista na FAB.” Eu aceitei.

A família da senhora apoiou essa decisão?

Todo mundo apoiou. A carreira militar é muito boa, por conta da estabilidade e pelo salário indireto que recebemos: a moradia, a assistência médica, entre outros.

Se eu optasse por outra carreira, não teria o mesmo apoio. Inclusive realizei minha especialização em Ortodontia no Hospital Central da Aeronáutica (HCA), um curso que teria um alto custo se tivesse realizado em uma instituição particular.



Cap Marcelle e sua família. (Fonte: Acervo pessoal Ten Cel Marcelle)

Houve pressão por parte da família da senhora para ser a primeira colocada no curso de formação?

Não, a minha família é tranquila demais e eles sabiam que meu sonho era ser militar. O meu pai foi o primeiro colocado na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica (EAOAR) e eu tinha esse exemplo. Eles sempre deram muita força e me estimularam a dar o meu melhor.

Onde foi realizado o curso de formação da senhora?

Foi na EPCAR. Eu gostei muito, fiz grandes amizades, estava feliz na carreira que tinha escolhido.

Depois do curso, onde a senhora serviu?

Servi no Hospital de Aeronáutica de Belém (HABE), onde participei de diversas missões e Ações Cívico-Sociais (ACISO). Nas ACISO, eu atuava na Odontologia Preventiva e explicava para a população como escovar os dentes corretamente, usar fio dental, etc. Além disso, distribuía panfletos informativos. Inclusive, nesse período, desenvolvi uma técnica de escovação utilizada até hoje, e que, depois, foi publicada em Revista Científica na Faculdade que estudei em São Paulo, a “Técnica didática de escovação infantil: bolinha, vassourinha e trenzinho”. Também íamos às escolas onde os dependentes dos militares estudavam e fazíamos os “escovódromos”. Essas ações saíram no jornal Diário do Pará.

Certa vez, participei de uma dessas missões de ACISO e estava bastante cansada, porque, na véspera, tinha trabalhado no Baile do Avião e o voo para missão saiu bem cedo, praticamente não pude dormir. Isso acontecia porque, quando entrei na FAB, a mulher era recepcionista de tudo: do baile, das formaturas e de vários eventos. Como éramos poucas, a escala era muito apertada.

Hoje em dia, na Guarnição dos Afonsos, também realizamos um projeto de prevenção. Com o tempo, a composição do “escovódromo” melhorou muito. Montamos uma estrutura com material voltado para a criança. Inclusive, tem uma história engraçada sobre isso: a gente usa um boneco de pelúcia, chamado Tigrão,

que veste um short que era do meu filho quando pequeno. Hoje, ele está maior que eu (risos). Então, isso prova que, quando a gente faz um trabalho de qualidade, ele dura muito tempo. Essas ações saíram várias vezes na mídia, através do Centro de Comunicação Social da Aeronáutica (CECOMSAER), e projetaram, positivamente, o nome da Força Aérea junto à sociedade.



Ten Cel Marcelle no HAAF. (Fonte: Acervo pessoal Ten Cel Marcelle)

A senhora sentiu preconceito das pessoas por acharem que a sua carreira pode ter sido facilitada pelo fato de já ter militar na família?

Não. Na carreira militar não há facilidade para ninguém. Sabemos que os comentários existem, mas cabe a nós não darmos ouvidos, porque no militarismo funciona a meritocracia. Como nunca fiz nada fora dos padrões, não teve como falarem que fui privilegiada por ser filha de Oficial General. Tudo o que consegui foi porque cumpri os pré-requisitos para conquistar. Acho que tudo depende da nossa postura.

Antes de entrar na FAB, a senhora trabalhou em clínica particular. Há diferença entre o trabalho exercido lá e aqui?

Existem diferenças. Quando me formei atendia em uma clínica que tinha uma grande quantidade de pacientes. Para ter uma ideia, a proprietária da clínica, não tinha mocho, que é aquele banco usado pelo dentista, porque ela acostumou a trabalhar sem ele. Então eu, igualmente, atendia em pé e trabalhava muito, inclusive aos sábados, dia que tinha mais pacientes.

Acho que a diferença é que, na FAB, são exigidos padrões de excelência. A gente está sempre buscando o melhor. Por termos normas e regulamentos, estamos constantemente procurando atingir um alto grau de qualidade. O militar que não persegue isso e não acompanha o padrão, destoa do grupo. Lá fora, essa busca depende do interesse do profissional.

Há diferenças entre o tratamento destinado às mulheres no período em que a senhora entrou na FAB e no atual?

Agora está mais fácil, porque as pessoas já acostumaram com a mulher na Força. Acho que está melhor. Antigamente, dependendo do local, havia mais resistência. Tive que conquistar o respeito através do profissionalismo que demonstrava no atendimento aos pacientes.

Havia diferença de como os chefes tratavam homens e mulheres?

Todo chefe gosta de uma pessoa que trabalhe bem e que coopere para o bom

andamento do serviço, independente de ser homem ou mulher. É essencial respeitar os superiores, estar enquadrada e desempenhar um trabalho de qualidade, sempre convivi muito bem com todos os chefes que tive. Sempre fui bem tratada e não senti essa diferença.

Os filhos da senhora pensam em seguir a tradição militar da família?

Eu tenho um filho de quinze e outro de doze anos. Os dois querem fazer Engenharia no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) que é referência e reconhecido internacionalmente.

A senhora incentiva a escolha deles?

Incentivo sim, tanto eu quanto meu marido, apoiamos. Essa seriedade que vemos na Força Aérea é o que gostaríamos para os nossos filhos. Sei que é uma Instituição correta e que vai prover a eles o conhecimento que precisam para serem profissionais de excelência.

Se fossem meninas, a senhora também apoiaria?

Sim, claro, a FAB é para todos! Eu era Capitã na AFA, quando entrou a primeira turma de cadetes aviadoras. Lembro que aconteceu uma situação interessante: na época, era exigido que as moças que ingressavam cortassem o cabelo curto por conta do salto de paraquedas. Mesmo se elas fizessem trança, colocassem meia-calça na cabeça e capacete, havia o risco de arrancar o couro cabeludo no salto. Eu via tristeza e apreensão no olhar daquelas

meninas por terem que cortar seus cabelos bem curto. Era difícil. Então, também cortei o meu curtinho, estilo Chanel. Amava meu cabelo, mas queria transmitir a seguinte mensagem: “se consegui, vocês conseguem. Cabelo cresce, vamos lá!” Sinto que atravessamos aquela fase juntas.

Onde a senhora serviu após sair do HABE?

Fui transferida para o Rio de Janeiro, onde realizei especialização em Ortodontia. Servi três anos no HCA e depois meu marido foi transferido para Brasília, onde permanecemos seis anos. Em seguida, servimos na AFA por quatro anos e voltamos para o Rio de Janeiro para ele fazer o Curso de Comando e Estado Maior da Aeronáutica (CCEM) e eu vim junto para servir no Hospital de Aeronáutica dos Afonsos (HAAF). Ele foi escolhido instrutor e indicado para realizar um curso em Israel. Ficamos sete meses no país e voltamos para o Rio de Janeiro, onde estamos até hoje.

A senhora trabalhou em Israel ou foi apenas acompanhando o seu marido?

Eu estava de licença e fui acompanhando. A experiência foi ótima. Os israelenses acreditam que o Estado não pode impedir ninguém de servir. Então, até os deficientes são enquadrados em alguma atividade militar. Lá, as mulheres são muito guerreiras, podem ser soldado e ficam até dois anos nesse posto. Os homens ficam até três. Eles são muito operacionais. Não estão preocupados com formalidades, com fardas e em manter tudo ajeitadinho. Só querem saber do combate.

Era comum ir ao shopping e encontrar os militares passeando com fuzil pendurado nas costas, porque o soldado leva a arma para casa e não larga nem para dormir. É uma realidade muito diferente, porque eles vivem em guerra. As mães estimulam os filhos a servir, comprando armas de brinquedo, para que eles tenham contato com esse mundo desde pequenos.

Também tive a oportunidade de conhecer mulheres militares nos Estados Unidos, quando meu marido fez um curso lá. A Base Aérea que visitamos, por exemplo, tinha uma mulher como Comandante. A diferença que vejo é que os militares americanos atuam especificamente na área em que são formados, ou seja, o aviador só voa, o administrador só administra e assim por diante. No Brasil, a gente desempenha várias funções. O militar se envolve em muitas atividades: fiscaliza contratos, realiza sindicâncias, é fiscal de prova, etc. Então, atuamos em outras áreas e não somente aquela para a qual fomos formados.

Como a senhora conciliou a rotina da vida militar e as demandas da família?

Depois que tive filhos, a forma que encontrei para ter um equilíbrio na minha vida profissional e familiar foi deixar o consultório particular e permanecer só com o trabalho na Força Aérea. Senti essa necessidade. Meu marido trabalhava muito e viajava bastante. Cheguei a pensar em deixar o trabalho de vez, mas as condições financeiras não permitiam, por isso, buscamos apoio e contratamos uma babá, além da empregada doméstica que já tínhamos.

A senhora teve o apoio da FAB quando precisou atender às demandas da família? Teve tratamento diferente pelo fato de ter filhos?

Sempre me senti apoiada. Meus chefes, geralmente, eram compreensivos, porque eu tinha um bom histórico, chegava na hora e fazia tudo direito. Então, no dia que precisava, tinha crédito para pedir dispensa para levar meu filho ao médico, por exemplo.

Quando fiz o curso na EAOAR, que durou quatro meses, meu filho mais velho tinha dois anos e estava grávida do segundo. Nessa época, nos mudamos de Brasília para o Rio de Janeiro, onde tive apoio da minha mãe, que foi fundamental.

A senhora gostaria de contribuir com algo mais?

Sou muito grata à Força Aérea, por todas as oportunidades que tive, pelo crescimento profissional e pessoal. Aqui temos inúmeras oportunidades. Sinto que, no meu trabalho, posso colocar em prática os valores que aprendi. Na FAB, percebo que o meu perfil e estilo de vida se enquadram exatamente no que esperam de mim.

AS PRIMEIRAS MULHERES NA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA

Com essas palavras o Tenente-Brigadeiro do Ar Mauro José Miranda Gandra, então Ministro da Aeronáutica, iniciou o Aviso nº 006/GM3/024, publicado no BMA nº 113, de 30 de junho de 1995:

“Considerando o mandamento constitucional que homens e mulheres são iguais em direitos, obrigações e oportunidades;

Considerando que a mulher vem aumentando a sua representatividade na sociedade do país, devido a maior participação no exercício de atividades econômicas e administrativas;

Considerando que essa crescente representatividade da mulher poderá possibilitar o seu aproveitamento no desempenho de papel cada vez mais significativo nas Organizações desse Ministério;(…)

Resolvi determinar a realização de estudos conjuntos entre o Comando-Geral do Pessoal e o Departamento de Ensino da Aeronáutica para que seja permitido às mulheres a inscrição no Concurso de Admissão para matrícula no Curso de Oficiais Intendentes da Academia da Força Aérea.”

Esse foi o pontapé inicial para que as mulheres pudessem, pela primeira vez, ser Cadetes da Força Aérea Brasileira.

O início das atividades de Intendência na FAB remonta ao período de criação do Ministério da Aeronáutica, quando oficiais de Intendência da Marinha e do Exército passaram a integrar as fileiras da Força recém-criada. Desde então, apenas homens compunham esse Quadro. Tal situação foi alterada com a entrada das primeiras oficiais intendentes na AFA, em 1996. Essa turma ficou marcada pela inédita seleção e formação de homens e mulheres, que enfrentaram juntos os mesmos desafios para se tornarem Oficiais da FAB.



Representando as primeiras Cadetes, foi entrevistada a Tenente-Coronel **Sheyla** Fernandes Sales, integrante da primeira turma que contou com a participação de mulheres do Quadro de Oficiais Intendentes. Apesar de não ser o foco da formação deste Quadro, a militar teve a oportunidade de ser a primeira Cadete a “solar”² um planador no Clube de Voo a Vela da AFA. Ainda que ela tenha realizado esse feito inédito, o Quadro de Oficiais Aviadores (QOAv), criado pelo Decreto-Lei nº 3.836, de 18 de novembro de 1941, era destinado apenas aos homens. Durante 62 anos, eles foram os únicos admitidos neste Quadro.

A situação foi alterada pela Portaria nº 556-T/GC3, de 30 de julho de 2002, que fixou em vinte o número de vagas para compor o QOAv, destinadas exclusiva-

mente às mulheres. Com isso, em 2003, ingressaram na AFA as primeiras cadetes aviadoras. Ainda que o concurso tenha sido realizado separadamente, ao longo dos quatro anos de formação, homens e mulheres desempenharam as mesmas atividades. Com isso, em 2006, ocorreu a formatura das onze primeiras oficiais aviadoras da FAB, visto que nove não concluíram o curso de formação.

Como representantes dessas pioneiras e por possuírem especializações e experiências diferentes, foram entrevistadas a Capitão Aviadora Daniele Ferreira Cesar Lins Chyczyi, piloto da Aviação de Caça que se formou na primeira turma de mulheres do QOAv, e a Primeiro-Tenente Thais Lemgruber Américo, piloto da Aviação de Transporte, da sexta turma de mulheres aviadoras da Academia da Força Aérea.



Primeira turma de aviadoras da AFA. (Fonte: Folha Militar Online)

² *Pilotar sozinho.*



Sheyla

Tenente-Coronel

Por que a senhora decidiu fazer concurso para a Força Aérea?

Sou filha de um taifeiro da Aeronáutica que, praticamente, exerceu toda a sua carreira no rancho da Base Aérea de Natal (BANT), hoje Grupamento de Apoio de Natal (GAP-NT), e vivi toda a minha infância admirando as mulheres que já faziam parte da área de saúde na FAB. Mas, como não tinha aptidão para esta área, não imaginava que um dia pudesse ingressar na Força. Foi quando surgiu a oportunidade de participar do concurso na área de Intendência, em 1995. Soube

do concurso repentinamente e me preparava para ingressar no curso de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mas passei a me dedicar a este concurso também e deu certo. Fui aprovada em ambos, mas preferi a carreira militar e não me arrependi. Após formada, tive a oportunidade de concluir também o curso de bacharel em Direito que havia suspenso com a aprovação na AFA. Isso enriqueceu ainda mais meu conhecimento e pude aplicá-lo, por diversas vezes, tanto na minha carreira profissional como na vida pessoal.

Como foi o processo seletivo?

O processo seletivo não foi fácil, a começar pela concorrência de 120 candidatas para cada vaga. Eram quarenta vagas destinadas a homens e mulheres. Sem direito a cota alguma, muito menos pelo fato de ser mulher. Apenas por mérito individual de cada candidato. Das quarenta vagas, dezessete foram preenchidas por mulheres.

Como foi o primeiro contato com a FAB?

O mais difícil, nesse primeiro momento, foi a despedida da família aos dezoito anos, principalmente, por não ter nenhum parente próximo de Pirassununga-SP, onde se localiza a AFA. Os meios de comunicação, na época, eram precários. Apenas carta e telefone de orelhão. O contato pessoal com a família foi apenas de seis em seis meses, nas férias. Não tinha a mínima ideia dos desafios que eu enfrentaria na AFA, mas de repente foi até melhor descobri-los mesmo apenas durante o curso. Assim, não desisti antes de enfrentá-los.

Tivemos que manter os cabelos curtos durante todo o curso, saltar de paraquedas, saltar em uma piscina de uma plataforma de dez metros de altura, realizar muitas corridas e treinamento físico intenso e diário, participar de acampamento nos quatro anos, culminando com o último que consistiu em treinamento simulado de prisioneiro de guerra. Participamos de todas as atividades a que os cadetes masculinos foram submetidos. E por vezes, algumas chegaram até a se des-

taçar de muitos cadetes, tanto nas provas intelectuais quanto nos esportes.

Como era a estrutura montada na AFA para receber as mulheres?

Ao chegarmos à AFA, tínhamos alojamento feminino separado do masculino e acompanhamento psicológico e físico contínuo durante todo o curso, o que foi de suma importância para nossa formação. O uniforme, inicialmente, foi o masculino mesmo. A ideia era manter a uniformidade da tropa que era considerada de elite. Depois utilizamos o uniforme feminino, mas com o sapato das alunas da Academia de Polícia Militar de São Paulo, já que corridas com o 7º uniforme faziam parte da rotina cotidiana do cadete. A preocupação com o apoio adequado às mulheres era constante.

Como foi a recepção na AFA?

A preocupação com o apoio adequado às mulheres era constante. Acompanhamento psicológico, no primeiro ano, foi intenso. No segundo ano, foi realizado um trabalho de elevação do desempenho físico das cadetes. No terceiro e quarto anos, estávamos no auge do desempenho físico. Ademais, percebia-se uma preocupação dos instrutores e dos cadetes da cadeia de comando em evitar o vocabulário de palavrões e expressões machistas na presença das cadetes. Até hoje, deparamo-nos com este pudor. Com certeza, o jargão militar tornou-se mais culto com este comportamento. Existia preocupação também com assédio moral, sexual e com o preconceito contra o sexo femini-

no. Para isso, havia diversas reuniões de acompanhamento psicológico e de Doutrina Militar no Corpo de Cadetes.



Asp Sheyla na formatura da turma Venator. (Fonte: Notaer)

Como foi a recepção na organização militar de destino depois de formada?

A recepção, tanto dos militares mais antigos como pelos subordinados, foi de muita admiração e respeito. Alguns subordinados até testavam nossa postura, mas logo percebiam que precisavam andar na linha ou viveriam presos. Sempre recebemos o mesmo treinamento e desafio profissional que os outros intendentes receberam.

Qual a sensação de saber que fez parte da primeira turma de mulheres da AFA e quais as lições que se tira disso?

A sensação de fazer parte da primeira turma de mulheres da AFA para mim é um orgulho imensurável. Foram anos de muitos sacrifícios e de desafios às nossas próprias limitações, principalmente físicas, mas muito gratificantes, porque sempre buscamos força na finalidade maior que era a esperança de abrir portas a outras brasileiras que, como nós, buscavam a independência financeira e a participação no mercado de trabalho, com igualdade de direitos, na profissão que quisermos, sem preconceito.

Não queríamos ser únicas na Força Aérea, mas sim precursoras de inúmeras oficiais competentes que agregassem valor à missão constitucional do Comando da Aeronáutica, em harmonia com os demais homens e mulheres que já compunham as fileiras castrenses.

Das lições aprendidas, a principal foi descobrir uma mulher muito mais forte e corajosa do que eu imaginava ser. A Força Aérea me proporcionou a possibilidade de descobrir capacidades e habilidades que nunca imaginei possuir. Capacidades físicas, intelectuais, emocionais e psicomotoras. Pude, inclusive, pilotar avião, quando tive a oportunidade de, em 1996, solar planador no Clube de Voo a Vela da AFA e sair como instrutora de voo de outros cadetes em 1998, atingindo um total de cem horas de voo em 1999. Não imaginava que, com isso, estaria sendo precursora e incentivadora do futuro ingresso de mulheres no quadro de aviadores.

Nunca pretendi fazer parte do Quadro de Oficiais Aviadores, mas tinha a curiosidade acerca da impossibilidade de acesso de mulheres a este quadro no Brasil, principalmente pelo fato de diversos países já permitirem o ingresso feminino, inclusive na Aviação de Caça, desde a Segunda Guerra Mundial. Percebi que o simples fato de ser mulher não incapacitaria o exercício da profissão, mas sim as habilidades inatas e adquiridas com treinamento de cada instruendo.



*Cadete Shbeyla no Clube de Voo a Vela da AFA.
(Fonte: Revista Aero Magazine)*

A sensação de dever cumprido a cada obstáculo superado é muito enaltecida. Aprender a enfrentar dificuldades diversas, mantendo-se o equilíbrio emocional, é surpreendente e foi essencial para a minha carreira profissional. Enfim, não me arrependo de cada noite mal dormida, nem do cansaço físico e mental sofridos neste período de formação. Repetiria tudo outra vez. Valeu muito a pena! Sou muito feliz com a carreira que abracei.

Como é o relacionamento com os pares (militares do mesmo círculo hierárquico)?

O relacionamento com os pares é amigável e respeitoso. A postura adequada e

discreta é essencial nesse convívio salutar. Somos mulheres. Não precisamos ter comportamento autoritário e grosseiro para sermos respeitadas no ambiente militar. Pelo contrário, precisamos ser líderes. Precisamos agir com naturalidade, demonstrando companheirismo e profissionalismo concomitantemente.

Fale um pouco sobre a progressão da carreira.

Depois de formada, servi por cinco anos na Base Aérea de Belém (BABE) como Gestora de Finanças, Licitações e Contratos. Depois, servi por onze anos na Base Aérea de Natal (BANT) como Gestora de Finanças, Licitações, Contratos e Agente de Controle Interno. Em seguida, fui transferida para o Rio de Janeiro, servindo por um ano no Grupo de Apoio da Saúde (GAPS), como Agente de Controle Interno, um ano como oficial-aluna do Curso de Comando e Estado-Maior na Universidade da Força Aérea (UNIFA) e atualmente sirvo no Centro de Apoio Administrativo da Aeronáutica (CEAP). Até o posto de Capitão, toda a minha turma foi promovida por antiguidade. A partir do posto de Major, passou-se a promover por merecimento. Nunca houve discriminação pelo fato de ser mulher.

Por pertencer à primeira turma com mulheres na AFA, minha carreira foi repleta de pioneirismo na Força. Fui a primeira intendente a participar como aluna do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais na EAOAR. Neste momento, não causei tanta estranheza, por existir outras mu-

lheres dos quadros de Saúde matriculadas no curso. Atualmente, sou a primeira e única oficial intendente no Curso Presencial de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, na ECEMAR. No início, fiquei apreensiva porque existiam muitos oficiais mais antigos que não foram contemporâneos com as turmas de mulheres na AFA. No entanto, minha apreensão durou pouco tempo, pois, desde o início do curso, fui tratada com muito respeito tanto pela Escola como pelos demais oficiais-alunos.

Em 2017, fui indicada pelo Alto-Comando da FAB para ser uma das primeiras mulheres intendentas a comandar uma Organização Militar: o Grupamento de Apoio de Fortaleza (GAP-FZ). Para mim, foi um motivo de orgulho e muita felicidade pela confiança em mim depositada. No entanto, o Comando foi cancelado em razão das mudanças da reestruturação que a Força vem passando. Em troca, recebi outro desafio tão importante quanto o de Comandante: servir no CEAP que tem como missão prover, por intermédio dos Grupamentos de Apoio, Pagadoria de Inativos e Pensionistas da Aeronáutica (PIPAR), Fazenda da Aeronáutica de Pirassununga (FAYS) e Prefeituras de Aeronáutica, o suporte administrativo e soluções de moradia funcional às OM apoiadas e seus, respectivamente, de forma eficiente e tempestiva, através das melhores práticas de gestão. Muitos são os desafios que devo enfrentar ainda no futuro, mas sei que estes são essenciais para instigar a nossa carreira militar, principalmente depois de superados, restando a nobre sensação de missão cumprida!

Por fim, foi uma honra poder representar, neste trabalho, as quinze guerreiras que se formaram comigo na turma Venator e contar um pouco da história do pioneirismo do ingresso de mulheres no Quadro de Intendência, em 1996, na AFA.



Daniele Lins

Capitão

Como a senhora decidiu fazer prova para ser piloto da Força Aérea Brasileira?

Eu não tinha nenhuma perspectiva que isso aconteceria, pois não havia vagas para mulheres no Quadro de Oficiais Aviadores. Talvez, alguém que tivesse familiar na FAB já soubesse que estava para abrir um concurso, mas, como não tenho parente militar, fiquei sabendo de surpresa. Na época, estava no terceiro ano do ensino médio, quando uma colega do curso preparatório trouxe a notícia do

jornal dizendo que ia abrir concurso da AFA para piloto. Logo me animei.

Como já havia me inscrito em diversos concursos, fiz as provas e fui aprovada em alguns, mas optei pela Academia, porque já tinha inclinação para a carreira militar. Cursei o ensino médio no Colégio Militar, entre 2000 e 2002, e, em 2003, entrei para a AFA. A decisão de estar nesse meio sempre foi minha. Não fui influenciada por ninguém. Foi uma feliz coincidência e uma surpresa grande ter aberto essa oportunidade naquele ano. Então, aproveitei e entrei.

A família da senhora apoiou a sua decisão?

Os meus pais sempre me incentivaram bastante nessa questão. Para entrar no ensino médio, eu tinha estudado muito e feito um concurso muito concorrido, em relação ao número de candidatos por vaga, e com elevado nível de dificuldade. Eles já tinham a segurança de que tudo iria funcionar, porque a experiência anterior funcionou. Então, ficaram tranquilos e, em todo momento, me apoiaram. Acredito que, como nunca tiveram contato com esse meio, talvez não saibam exatamente tudo que aconteceu, pelo o que passei. Eu não falava o que ocorria para não deixá-los muito preocupados, mas eles sempre gostaram e participaram de todos os eventos que era permitida a presença da família.

A sensação que tenho é que, a cada etapa que podiam participar e ver *in loco* como era a experiência, eles pareciam não acreditar no que estava acontecendo, mas me davam todo incentivo. Às vezes, quando achava que não ia conseguir, porque o voo era difícil e muitos colegas eram desligados, praticamente dois ou três por semana, eu falava com a minha mãe que tinha medo e ela sempre dizia “filha, você vai conseguir. Já passou por coisa mais difícil. Vai dar certo!”

No processo seletivo, as vagas eram destinadas, exclusivamente, às mulheres?

O primeiro concurso, que foi da minha turma, foi aberto depois do concurso normal. Foi feito o processo seletivo de

sempre, com as vagas para a Aviação, a Intendência e a Infantaria e, depois, abriu outro com vinte vagas destinadas às mulheres, para a Aviação. Nas turmas seguintes, foram feitos alguns concursos mistos e outros com cotas destinadas às mulheres. Esse processo foi sofrendo ajustes ao longo tempo.

Como foi a recepção das primeiras mulheres aviadoras na AFA?

Na AFA, a primeira turma que teve mulheres cadetes foi do Quadro de Oficiais Intendentes. Então, o Corpo de Instrutores que nos recebeu já estava ambientado. A novidade ocorreu quando a gente chegou ao Esquadrão de Instrução Aérea (EIA). A minha turma voou pela primeira vez a aeronave T-25, no segundo ano de formação. É importante destacar isso, porque, periodicamente, muda um pouco essa configuração. Às vezes, voa no primeiro ano, outras no segundo. Para os instrutores de voo, talvez tenha sido uma surpresa um pouco maior. Na minha opinião, de maneira geral, achei que eles estavam muito bem preparados e a recepção foi boa.

Com relação aos outros cadetes, como foi a recepção?

Na minha turma, entraram cerca de 170 ou 180 aviadores, entre homens e mulheres, e se formaram em torno de 110 ou 115. Nós convivemos com pessoas de diversas opiniões. No grupo, a maioria convivia normalmente e sentíamos que um ou outro não concordava muito com o fato de estarmos ali. Mas, os quatro anos de formação foram su-

ficientes para nivelar todo mundo e ver que todos tinham condições de fazer o que tinha que ser feito, para que a turma se formasse de maneira igual. No início, existiam algumas diferenças. Não vou dizer que não existiu e que 100% das pessoas aceitaram bem essa ideia, porque, de fato, alguns não concordaram ou não ficaram à vontade com a nossa presença. Talvez, achassem que tirávamos um pouco a privacidade. Mas, acho que o tempo que passamos lá fez com que isso caísse por terra. O convívio com toda a turma, até hoje, é bem tranquilo. Todo mundo se dá muito bem em relação à amizade e à vida profissional.

Como foi o primeiro contato com a FAB?

Eu já tinha certa expectativa por ter passado três anos no Colégio Militar. Então, não teve muita surpresa, porque já imaginava o que ia encontrar. Lógico, não tem como comparar a rotina no Colégio, mesmo sendo militar, com a rotina na Academia, porque é completamente diferente. A surpresa foi que as coisas eram bem mais difíceis do que imaginava. Tínhamos pouco tempo para realizar bastantes atividades cansativas e extenuantes. O voo exige uma preparação muito grande, coisa que nunca tinha feito, nem para estudar para concurso. Nada era igual. O nível de preparo era muito maior, o de cobrança e responsabilidade também. Para mim, foram todas surpresas positivas. Eu já sabia que não ia ser fácil, mas, quando senti na pele, foi mais difícil ainda. Isso faz parte do processo. Sempre tive o pensamento de ir superando um desafio após o outro.

Como era a convivência das cadetes? Havia diferença entre as atividades desempenhadas pelos cadetes homens e mulheres?

O alojamento era separado. Então, na hora de dormir, a nossa convivência era separada por conta disso. Mas as atividades que a gente fazia, durante o dia, como por exemplo, instrução na Divisão de Ensino, instrução de voo, educação física, os acampamentos, entre outras, eram realizadas juntas. A convivência era tranquila, com exceção de algumas pessoas que torciam o nariz um pouquinho, como comentei no início. Acho que eram casos isolados e não posso dizer que a convivência não era boa por conta dessas pessoas. Eram poucas opiniões desse tipo.

Qual é a sensação de saber que a senhora está entre as primeiras aviadoras da AFA?

Depois que fiz a prova, aos poucos, fui começando a ver a realidade e a perceber que estava entre as primeiras aviadoras da AFA. As pessoas falavam que a turma ia ficar marcada na história e a gente ia sentindo o peso da responsabilidade. A cada conquista que eu tinha, sempre mantinha isso em mente.

Quero que a minha conquista sirva não só de incentivo para outras mulheres, como também para mostrar que a nossa entrada no Quadro de Oficiais Aviadores foi uma escolha acertada e que é possível a mulher desempenhar o papel que ela quiser em pé de igualdade com o homem, até mesmo em um ambiente tradicionalmente masculino, um círculo fechado e

restrito, como é o meio militar. Eu tinha esse desafio para mim. Queria conseguir para provar que a mulher pode. Quero que, aquelas que tenham dúvidas sobre optar ou não pela carreira militar, vejam a minha história e pensem “ela conseguiu, vou conseguir também!” É uma responsabilidade com o futuro mostrar que isso é possível.



Cadete Daniele Lins após primeiro voo solo na aeronave T-27. (Fonte: Revista Em Discussão)

Como foi depois que se formou?

A formação básica para os aviadores é a mesma e, no final do quarto ano, os pilotos escolhem para qual aviação querem ir. Vários fatores são levados em consideração para essa definição: o perfil do piloto, o desempenho dele no voo, no Corpo de Cadetes, além do desempenho militar, intelectual e psicomotor. É feito um conselho entre os instrutores que decidem quem vai para cada aviação. É necessário fazer isso. No meu caso, por exemplo, tive interesse na Aviação de Caça, que exige alguns aspectos a mais em relação às outras aviações, principalmente em termos de desempenho psicomotor, no geral. Então, a seleção é um pouco mais

rígida, para que o piloto tenha um bom aproveitamento depois do curso.

Como tive um desempenho bom no curso avançado do quarto ano, na aeronave T-27 Tucano, e manifestei interesse de ir para a Caça, fui direcionada para tal, junto com outras duas pilotos da minha turma. Ao sair da Academia, fiz a especialização na aviação escolhida, que durou um ano.

Depois da especialização, geralmente, o piloto faz um curso, chamado de Curso de Liderança, para ganhar experiência e, em seguida, vai para a primeira linha voar aeronave a jato. Então, em 2007 fiz a especialização em Natal e, entre 2008 e 2011, escolhi servir em Campo Grande, no Terceiro Esquadrão do Terceiro Grupo de Aviação (3º/3º GA), o Esquadrão Flecha, que voa a aeronave A-29 Super Tucano. Depois, vim para Santa Cruz, para o Primeiro Esquadrão do Décimo Sexto Grupo de Aviação (1º/16º GA), para continuar a progressão, onde voei a aeronave A-1, entre 2012 e 2016.

Como a senhora se sente sendo piloto da primeira linha da Aviação de Caça?

Isso para mim é mais uma parte daquele desafio que começou lá atrás. Sendo bem sincera, naquela época, nem imaginava que iria conseguir chegar tão longe. Eu sempre raciocinei da seguinte maneira “vou viver um dia de cada vez, matar um leão por dia”, porque são tantos desafios que não dá para o cadete, que não sabe nem se vai se formar, visualizar.

Essa questão da novidade e da expectativa com relação ao nosso desempenho gerou bastante apreensão em todo mundo. Antes de começarmos a voar o T-25, o desafio era que a mulher poderia não conseguir baixar o trem por emergência, porque tem que pegar a bomba manual e bombear, senão o trem não baixa e isso é difícil. Nós conseguimos, passamos pelo desafio. Depois, pensavam que a gente não ia conseguir voar o T-27, porque o voo de formatura era muito cansativo e tinha homem de dois metros de altura, fortão, que saía do voo arrasado. Imagina uma mulher?! A gente foi e fez, de novo. Então, veio o próximo desafio: diziam que a mulher na Caça não iria dar certo, porque é muito cansativo e puxa muita “carga G”³. E a gente conseguiu.

Por fim, diziam que pilotar o A-29 não seria possível, que a mulher não iria voar na primeira linha, porque a aeronave a jato é muito mais rápida, puxa muito mais G e eu consegui! Então, tudo foi construído passo a passo. Essa questão de ter sido da Caça, ter voado na primeira linha, aeronave a jato, era mais um tijolinho nessa história.

Sempre teve expectativa. Tinha gente que torcia para dar certo e tinha gente que achava que não. Nós, cadetes, mostrávamos que era possível. Então, fico muito satisfeita, porque todos os desafios que me puseram a prova, eu consegui me sair bem e concluir com êxito. É uma sensação de realização profissional muito boa.

Hoje, ninguém vai dizer para mim que determinada coisa não dá para a mulher fazer, porque eu já provei que dá.

Como funciona no corpo de uma mulher, que tem estrutura física diferente de um homem, a violência que uma aeronave de Caça proporciona, devido a força G?

Tudo são etapas. A gente começa a voar o T-25 que é uma aeronave mais simples e mais lenta. Depois, passa para o T-27 que puxa por uma carga G um pouquinho maior e já faz umas acrobacias. Quando chega à primeira linha, por exemplo, que a aeronave a jato puxa mais G e tem velocidade e exigência física muito maior, o nosso corpo já está ambientado.

De fato, a seleção entra em todas as etapas desse processo. Por exemplo, para voar o T-25 não tinha restrição, além daquela que o concurso já previa com relação à altura e peso. Mas, para voar o T-27 existe um parâmetro mínimo e máximo específico. O máximo, as meninas não atingiam, mas tinha o risco de não alcançar o mínimo determinado. Isso não é só uma restrição para voo, é uma questão de segurança também, por conta do assento ejetável, que foi desenvolvido e testado para que não causasse danos maiores para a pessoa na estrutura da coluna. Existia essa necessidade de ter, pelo menos, 1,60m por conta das medidas de perna, para alcançar os comandos e para não bater o joelho ou a cabeça na nacele na

3 Carga física, de efeitos de aceleração, a qual o piloto é submetido em situação de manobras e acrobacias.

hora da ejeção. O peso mínimo é exigido para o piloto ter uma compleição física mínima para suportar a carga G. Então, estando dentro daquele parâmetro, era só manter e ir se aperfeiçoando.

A primeira dificuldade que duas cadetes da turma tiveram foi não conseguir atingir o peso mínimo e não puderam voar T-27. Elas repetiram o curso no T-25 no quarto ano. Eu e outras duas mulheres que fomos para a Caça nos preocupávamos em fazer atividade física para manter o preparo físico e suportar melhor a carga G. Então, ao mesmo tempo em que o corpo ia se acostumando, a gente também tinha a preocupação com o físico para conseguir suportar. Mas, acredito que isso não seja específico da mulher, porque também teve homem que não voou o T-27 por conta dessas restrições, assim como tem homem que é muito magrinho e consegue suportar. Cada um teve que correr atrás do seu prejuízo.

Após a formatura, como foi a recepção no Esquadrão?

A sensação inicial foi a mesma da AFA, eles estavam preparados para nos receber. Sempre tem uma exceção, algumas pessoas não foram a favor, mas acho que isso não atrapalhou. A instrução foi muito profissional, homens e mulheres eram cobrados de maneira igual. À medida que eles cobravam e íamos respondendo à altura, passavam para o próximo desafio.

No Esquadrão, tinha estrutura de alojamento e banheiro?

Essa parte de estrutura física sempre foi uma preocupação. Quando chegamos à AFA, já tinha mulher, então, não teve problema. Em Natal e em Campo Grande, tinha estrutura, eles separaram um banheiro para a gente, foi tranquilo. Com o tempo, as coisas foram sendo ajustadas e aperfeiçoadas, mas tinha uma estrutura mínima.

No dia a dia, nas missões e serviços, há alguma diferença entre homens e mulheres?

Atualmente, estou servindo no Departamento de Controle do Espaço Aéreo (DECEA). Eu fiquei em Unidade Aérea até o ano passado. Era tudo normal, a escala de voo ocorria conforme a disponibilidade e quantidade de horas. Independente de ser homem ou mulher, a escala, tanto dos voos em sede quanto das viagens e das missões mais longas, era igual. Pode haver alguma restrição, mas não por conta de sexo e sim pela pessoa, que pode não estar se sentindo bem naquele dia.

Já fui escalada para uma missão que tive que ir com outro piloto. A gente ia fazer um voo de Campo Grande até São Gabriel da Cachoeira, fazendo várias paradas, porque o avião não vai direto. A gente teve que parar em uma cidade, pernoitamos lá e isso foi feito com naturalidade. Somos pilotos e não teve ne-

nhum constrangimento. A gente entendeu que era uma necessidade da missão. O que estou querendo dizer com isso é que, em nenhum momento, precisou haver preocupação do escalante se a missão envolveria pernoite e se poderia escalar uma mulher e um homem juntos. Caso chégássemos em um lugar que não tivesse quarto separado, como já aconteceu, a gente se organizava e cumpria a missão.

Como fica a situação de uma mulher piloto quando chegam os filhos?

Isso é uma experiência muito nova, já que a minha turma é a primeira. Tenho uma filha de um ano e meio e acho que só mais outras duas pilotos têm filhos. Quando a mulher engravida, fica automaticamente fora do voo por uma questão fisiológica. No meu caso, quando voltei da licença-maternidade, o Esquadrão a que eu pertencia estava passando por um momento difícil, com relação à indisponibilidade de aeronave. Depois ele foi desativado. As aeronaves foram transferidas para o Rio Grande do Sul e acabei não indo. Não voltei a voar no Esquadrão que

estava por causa disso, mas uma amiga, depois que cumpriu o período de licença, voltou a voar normalmente na mesma Unidade.

Então, vim para o DECEA e estou voando no Grupo Especial de Inspeção em Voo (GEIV) como Quadro de Tripulantes (QT) externo. Faço as minhas missões normalmente, coordenando, para, na medida do possível, evitar um pernoite. Mas independente disso, a escala ocorre conforme o previsto e é possível trocar com outro piloto no Esquadrão que seja voluntário para fazer a missão, sem que isso sobrecarregue ninguém.

Essas são dificuldades que toda mulher encontra quando volta a trabalhar. Conciliar o trabalho com os filhos e com a casa fica um pouco mais difícil. Não passei por isso ainda, mas imagino que, com relação às viagens, seja uma situação delicada, porque não dá para passar uma semana fora e deixar o filho pequeno em casa. Até hoje, eu consegui fazer todos os voos indo e voltando no mesmo dia, que a gente chama de “bate pronto”. Além disso, tenho um apoio muito bom do meu marido. Quando tem voos no domingo, ele fica em casa com a minha filha.

Com relação à Instituição, ainda não dá para prever como vai ser a situação da mulher. Tem que viver cada caso e ver o que vai acontecer. De fato exige uma organização maior, mas não posso dizer se é impeditivo ou não, porque ainda não tem um espaço amostral para isso, já que são poucos casos nessa situação. Além disso, cada aviação tem as suas particularidades. Por exemplo, a Caça tem voos que, no as-



Cap Daniele Lins em campanha institucional para o dia das mães. (Fonte: EAB)

pecto físico, são muito puxados, mesmo os voos locais. Mas a rotina é bem planejada. Então, no início do ano, o piloto tem noção de quais são as viagens que vai fazer até o final do ano. Não são muitas, mas passa mais tempo fora, às vezes, duas ou três semanas em cada uma.

A Aviação de Transporte não é assim. O voo é fisicamente mais tranquilo, porque não tem carga G. O estresse é muito menor, tem outro piloto e mecânico para ajudar, mas, em compensação, não tem rotina. Pode acontecer de ser acionado para uma missão no dia seguinte e ter que passar dias fora, ou ainda antecipar as missões, além de ocorrerem panes que estendem as missões por dias além do previsto, ou cancelam no meio e o piloto volta antes. Então, apesar do voo ser mais tranquilo, a rotina é menos planejada.

No meu caso, quando voltei de licença-maternidade, diversos fatores culminaram para que eu não voltasse a voar logo. Acredito que, se não fosse isso, poderia ter voltado normalmente. Iria fazer a re-adição, fazer prova de novo e simulador, mas voltaria para a escala. Para uma amiga que é da Aviação de Transporte, não mudou quase nada. Ela continuou a rotina que tinha antes, com o cuidado de, sempre que possível, evitar um pernoite, porque era mais confortável saber que à noite ia poder estar em casa com o filho.

A piloto para de voar quando descobre a gravidez?

Quando chega ao Esquadrão, a piloto assina um termo onde está previsto que, assim que ela descobre que está grávida, tem que informar ao Comandante e ficar, automaticamente, fora do voo, porque pode trazer complicação na gravidez, por conta do esforço e da carga G. Acho que essa foi a única providência que tomei exclusivamente por ser mulher, porque todo o resto foi normal.

Qual é a rotina da piloto durante a gravidez?

Eu acumulei os serviços administrativos. O Esquadrão tinha bastante instrução de fora. Acabei ficando com essas atividades, já que não podia voar. Fora que também trabalhava na Seção de Prevenção e Investigação de Acidentes Aeronáuticos e controlava a parte de relatórios do Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (CENIPA). Ia fazendo o meu serviço de chão, porque, na FAB, o piloto voa, mas também tem várias outras atribuições no chão. Estava com barrigão, quando tive que dar uma aula no curso de Controlador de Voo, em São José dos Campos. Eu pensava que, já que não estava podendo voar, ia fazendo as outras tarefas para ajudar a carregar o piano junto com o Esquadrão.



Thais Lemgruber

Primeiro-Tenente

Como a senhora decidiu fazer prova para ser piloto da Força Aérea Brasileira?

Desde pequena, eu gostava muito de avião. Meu pai me levava para o Domingo Aéreo, no Campo dos Afonsos, e aquilo me encantava. Ele teve bastante vontade de ser militar e gostava muito desse meio. Houve, também, a influência de um amigo de família, que é piloto da FAB, quem eu via chegar em casa de maquiagem de voo e sonhava em um dia poder vestir um daquele. Mais para frente, pude ver um primo se tornar aviador militar, e

aquilo me despertou ainda mais a vontade de ser aviadora.

Na época, ainda não tinha prova para mulher nessa especialidade. Então, coloquei na cabeça que queria estudar algo relacionado a isso e tinha vontade de fazer engenharia aeronáutica, ser controladora de voo, ou alguma coisa assim. Quando eu estava no ensino médio, abriu a prova para as mulheres ingressarem na Academia da Força Aérea como pilotos. Conversei com os meus pais e eles sempre me apoiaram. Então, concluí o ensino médio e fiz um ano de cursinho preparatório. Em 2007, prestei o concurso e passei.

Como foi o primeiro contato com a Força Aérea e a recepção na AFA?

A recepção na Academia, na minha época, funcionava assim: quem vinha do meio civil e tinha prestado o concurso direto para a AFA chegava numa data e os demais, que também eram da minha turma, mas que estavam vindo da EPCAR, chegavam uma semana depois.

Então, quando cheguei, só estava presente o pessoal civil que tinha prestado o concurso junto comigo. De início, já tivemos um choque de realidade para aquele ambiente militar, mas foi bem interessante a maneira como os militares da AFA se colocaram disponíveis, principalmente, para orientar os familiares. Na época, meus pais me levaram até lá e o próprio Comandante do Corpo de Cadetes se colocou totalmente disponível para sanar as dúvidas. A partir do dia que pisei na Academia, já me senti diferente, militar de verdade, entregue à FAB.

Como era estar em um ambiente militar, tradicionalmente masculino, embora, na AFA, tivesse cadetes desde 1996, com as primeiras intendentes?

Eu sou da sexta turma de oficiais aviadoras da AFA. No concurso, se não me engano, foram vinte vagas destinadas exclusivamente às mulheres e apenas doze entraram. Então, na minha turma, havia as intendentes e as aviadoras, além dos homens. No início, os cadetes oriundos da EPCAR olhavam diferente para a gente. Eles já eram militares e estavam entrosados. Na Academia, se depararam com uma realidade diferente, porque novas

pessoas entraram na turma, dentre elas mulheres, e isso não era costume para eles.

Costumo dizer que, ao longo dos quatro anos de formação, a turma se tornou tão unida, principalmente nos momentos mais difíceis, que esquecíamos totalmente se estávamos entre homens ou mulheres. Durante o segundo ano, quando começaram os voos, todos tiveram dificuldades, independente do sexo. Por isso, trocávamos experiências e nos unimos bastante.

Como foi o relacionamento com os cadetes aviadores?

Quando a gente chegou, a turma era tratada de um modo geral, independente da especialidade. No segundo ano, com a introdução do voo, começamos a nos separar um pouco mais. Então, tínhamos que acordar cedo para ir para o 2º Esquadrão de Instrução Aérea (2º EIA), que é uma atividade exclusiva do aviador. No 2º EIA, existe bastante pressão psicológica para a formação, não é fácil. Naquele momento, vimos que nos unindo e um ajudando ao outro, conseguiríamos ir mais longe.

Acho que se, no primeiro contato, existiram barreiras, elas se romperam totalmente no 2º EIA. Lá, não existia preconceito. Trocávamos experiências de voo, sempre querendo ajudar, independente do sexo. Até porque, era muito ruim para a gente, como turma, ver companheiros sendo desligados ao longo do caminho, já que estávamos na mesma situação que eles. Então, nos ajudávamos para tentar

chegar com o máximo de companheiros ao término do curso com aproveitamento.

Como era o relacionamento entre mulheres?

O relacionamento era muito bom. Nos dois primeiros anos, a gente dividia o quarto da maneira que era estipulado pelo Comando. Até porque, ninguém se conhecia. Assim, começamos a criar as amizades e, como numa sociedade normal, existem pessoas com quem temos mais afinidade e outras que temos menos.

A partir do terceiro ano, passamos a escolher com quem dividir o quarto. Dessa forma era melhor, porque reuníamos nos quartos as pessoas que tínhamos mais afinidade. Eu, nos dois anos que pude escolher, morei com mais quatro intendentes e nenhuma aviadora. Era legal, porque elas entendiam bastante a minha rotina, que era um pouco diferente, principalmente no quarto ano. Normalmente, um dia sim e outro não, eu tinha que ir para o EIA voar e acordava muito mais cedo, porque ia durante a madrugada. Então, elas sempre me entenderam e me respeitaram muito nesse ponto. Quando precisava dormir cedo, ninguém fazia barulho. Existia uma relação de compreensão. De vez em quando, havia desentendimentos, mas nada grave. Eram coisas que resolvíamos conversando. Eu tenho um relacionamento muito bom, não só com elas, mas com as mulheres das outras turmas também.

Uma coisa interessante que aconteceu, não sei se pelo fato da minha turma ter sido uma das primeiras, mas as aviadoras mais antigas costumavam reunir a gente,

antes de começar o ano de voo, para conversar, nos contar como era e se colocavam a nossa disposição para tirar dúvidas. Essa grande união que via por parte das mulheres, eu não via muito com os homens. Talvez, porque isso era natural para eles que estavam ali há muito tempo.

Onde a senhora serviu depois da formatura da AFA?

No ano seguinte à formatura, como tinha escolhido ingressar na Aviação de Transporte, fiz a especialização, em Fortaleza, no Esquadrão Rumba (Primeiro Esquadrão do Quinto Grupo de Aviação - 1º/5º GAv). Consegui uma boa classificação e escolhi ir para Manaus para servir no Primeiro Esquadrão do Nono Grupo de Aviação (1º/9º GAv), Esquadrão Arara, voar o Amazonas (C-105 Amazonas). Eu tinha uma vontade muito grande de servir na Amazônia, era um sonho, principalmente, tendo a oportunidade de voar uma aeronave mais moderna.

Essa experiência foi sensacional, porque queria me formar e desempenhar uma função que me sentisse útil como piloto e foi exatamente o que aconteceu. Servi em um Esquadrão que fazia missões reais o tempo todo. Fazíamos muita evacuação aeromédica, ajudávamos a população ribeirinha, pousávamos levando comida e remédio em lugares que sabíamos que realmente aquela localidade dependia do nosso pouso para continuar existindo. Além disso, sustentávamos o funcionamento dos Pelotões de Fronteira do Exército, que garantiam a segurança da fronteira. Infelizmente, isso não é mui-

to divulgado na mídia, mas, em algumas daquelas localidades, existem conflitos reais, quase diários. Poder contribuir com aquilo foi muito legal. A missão é gratificante demais.



Ten Ariane e Ten Thais Lemgruber foram as primeiras mulheres a tripular a aeronave C-105 Amazonas. (Fonte: FAB)

Depois, tive a oportunidade de vir para um Esquadrão de primeira linha, no Rio de Janeiro, onde eu estou servindo hoje, o Primeiro Esquadrão do Segundo Grupo de Transporte (1º/2º GT), o Esquadrão Condor, e pilotar uma aeronave que tinha muita vontade de voar também, o EMBRAER 145, chamado de C-99 na FAB.

A progressão da minha carreira foi um pouco atípica, porque algumas oportunidades surgiram fora do tempo previsto. Fiquei apenas dois anos no 1º/9º GAv e isso não é comum. Mas como faltavam pilotos na primeira linha, no 1º/2º GT, pediram voluntários e, na época, me disponibilizei. Então, vim para cá e, com pouquíssimo tempo de formada, cheguei à primeira linha, onde estou voando aeronave de ponta.

Durante a especialização, havia diferença no tratamento destinado aos homens e às mulheres?

Não. Em nenhum momento, tive algum tipo de benefício ou prejuízo por ser mulher. O Esquadrão estava muito bem preparado para nos receber. Apesar de terem entrado doze aviadoras na minha turma, se formaram apenas seis, ou seja, metade foi embora ao longo do caminho. Mas os instrutores foram muito profissionais com a gente, não percebi nenhum tipo de preconceito, nem durante os vôos nem durante as aulas. A gente sempre foi tratada de maneira igualitária, independente do sexo.

Depois da especialização, o Esquadrão estava preparado para receber uma mulher? Como foi a experiência de servir na Amazônia?

No 1º/9º GAv, já tinha uma aviadora. Então, havia uma pequena adaptação para receber uma mulher e não tive problemas em função disso. Mas era muito comum pousar em uma localidade e não ter banheiro feminino, ou ele estar trancado e ninguém saber onde estava a chave. Isso, inclusive, acontece até hoje e, naquela região, com mais frequência. Por vezes, a gente usava um alojamento de sargento feminino, porque, como elas já estavam há mais tempo na Força, isso já estava mais estruturado. Essa situação nunca me incomodou. Em alguns momentos, era mais complicado, por exemplo, quando pousávamos em um Pelotão de Fronteira, porque só tinha homem, já que, no Exér-

cito, a presença da mulher ainda era pequena, ainda mais nas localidades em que a gente pousava na Amazônia.

Eu acho interessante que, inicialmente, por mais que existisse algum preconceito ou desconfiança sobre o nosso trabalho, talvez por sermos mulheres, com o passar do tempo conseguíamos provar, por mérito próprio, que merecíamos estar ali. Às vezes, a gente ouvia piadinha. Por exemplo, os passageiros falavam espantados: “ah, meu Deus, é uma mulher?” E perguntavam: “você sabe pousar esse negócio?” Ou ainda: “vocês não sabem nem dirigir, como é que vão pilotar um avião?” Falavam também: “ainda bem que não tem que fazer baliza.” Mas isso existia só no início. Depois, fazendo missões com as mesmas comitivas, o pessoal já começava a bater palma e a achar aquilo legal. Era interessante ver a evolução da percepção das pessoas com relação ao meu trabalho.

Eu sempre achei graça de tudo, nunca fiquei chateada, muito pelo contrário, aquilo me dava mais vontade de fazer tão bem o meu trabalho a ponto daquela pessoa se surpreender e falar “caramba! Foi uma mulher que pousou?” Sempre lidei com isso de maneira muito descontraída. Nunca absorvi aquilo, nem fiquei com raiva, porque acho que não vale a pena. Sei que cheguei até aqui por merecimento próprio. Passei no concurso e concluí meu curso de formação por mérito meu, então, não tem o que questionar.

Como era a recepção quando o passageiro via que era uma mulher pilotando a aeronave?

A recepção na Amazônia, de uma maneira geral, era bem gratificante, porque, como as pessoas realmente estão precisando e sabem que a sua função é de suma importância para a permanência delas ali, eram bem calorosas. O pessoal sempre vinha ajudar a descarregar os equipamentos do avião, por exemplo. Quando viam que era uma mulher, alguns se surpreendiam. Às vezes, pediam para tirar foto, queriam autógrafos e coisas assim. Para mim, isso era muito diferente, porque eu não sou uma celebridade, só estava fazendo o meu trabalho.

Não só por ser mulher, mas eu acho que eles valorizam o trabalho do profissional militar muito mais do que em outras regiões do país. Claro que, por ser mulher, às vezes, tinha essa tietagem a mais, principalmente, quando era uma mulher que estava sendo ajudada. Tinha gente que até chorava, falava: “tenho muito orgulho de você. Parabéns!” E ficavam apresentando a gente para outras pessoas com satisfação. Muitos homens, quando eram ajudados, se espantavam. Às vezes, tinha desconfiança se eu realmente era capaz de pilotar. Depois que viam o meu trabalho, um pouso ou um voo tranquilo, falavam: “poxa, parabéns! Foi um bom pouso, eu não esperava!” Com isso, ia começando a mudar a percepção da pessoa sobre mim. Era muito legal.

Como foi a recepção no 1º/2º GT?

Foi um pouco diferente, porque eu e outra militar fomos pioneiras, como aviadoras, no 1º/2º GT. Achei a recepção boa também. Nunca fomos tratadas de maneira diferente e a adaptação foi rápida. Uma das dificuldades que enfrentamos foi com relação à escassez de banheiros femininos, porque quando chegamos só havia um Sargento e o restante do efetivo era composto por homens. Hoje, o Esquadrão dá mais atenção a esses cuidados diferenciados e já se adaptou muito bem a nossa presença. Inclusive, um dos momentos mais gratificantes da minha carreira foi poder dividir a cabine de comando com a Ten Robertha, compondo a primeira tripulação feminina da história do Esquadrão. Naquela ocasião, percebi através do Comandante, dos demais companheiros de Força e das redes sociais da FAB, o quanto aquela marca se tornava expressiva não só para nós duas, mas para toda a sociedade.



*Primeira vez em que uma aeronave do Esquadrão Condor foi comandada apenas por mulheres. Na foto as Tenentes Thais Lemgruber e Robertha.
(Fonte: FAB)*

Como é o dia a dia no Esquadrão?

No dia a dia, temos funções administrativas. Além disso, concorremos à escala de serviço armado, de representação e de fiscalização de concursos, entre outras, assim como qualquer outro oficial, independente de ser homem ou mulher. Com relação à escala de voo, não existe distinção alguma. Quando chega a minha vez, sou escalada para a missão e vou. Também funciona assim com relação às funções administrativas. Hoje, sou a Chefe da Seção de Instrução. Tenho apenas subordinados homens, alguns deles têm idade para ser meu pai, mas me respeitam pelo meu posto e aprendo muito com eles, com a experiência que têm muito mais do que eu, não só na aeronave, mas na carreira. Essa troca de experiência é mútua, não tem diferença pelo fato de eu ser mulher.

Existe alguma diferença pelo fato ser uma piloto mulher?

Não há nenhuma diferença. Existe um regulamento que fala sobre as particularidades da mulher aviadora, que prevê, dentre outros aspectos, que a gente pode informar que está indisponível por motivo de menstruação, por exemplo. Eu não precisei disso, porque nunca me senti mal voando, mas existem pessoas que realmente se sentem e, por vezes, precisam. Aqui no Esquadrão, somos três aviadoras e nunca vi nenhuma diferença por sermos mulheres.

Como a senhora se sente por estar entre as primeiras mulheres pilotos em uma Instituição, cuja atividade fim é voar?

Acho que a palavra que melhor define é orgulho. Sinto-me orgulhosa de vestir a farda e de estar entre as primeiras mulheres nessa posição dentro da FAB. Sei que existiram mulheres que lutaram, por muitos anos, para que, um dia, a gente conseguisse estar aqui. É interessante quando tenho a oportunidade de estar na cabine de comando, após um pouso tranquilo, e os passageiros, quando me veem, falam “caramba, era uma mulher! Que legal! Parabéns!” Nesse momento, percebo que isso ainda chama a atenção e que tem uma reação positiva.

Por outro lado, às vezes, me envolvo tanto com as questões do dia a dia, que não penso nesses detalhes. Meus pais, por eu ser filha única, babam no que faço e são super orgulhosos do caminho que escolhi. Quando eles falam das minhas atividades, penso “caramba! Eu sou isso tudo?!” Não me dou conta, porque, como estou envolvida nesse ambiente, tudo se torna natural e até engraçado. Mas quando penso que sou aviadora da FAB, que são poucas, e estou entre uma delas, além de ter sido das primeiras turmas, é muito legal. Acho muito gratificante poder representar o sexo feminino ganhando espaço de destaque. Atualmente, vemos mulheres, não só no Brasil, mas no mundo, sofrendo coisas tão absurdas, como preconceito e violência, que poder estar nessa posição e saber que é por mérito próprio é muito bom. Não me sinto diferente dos demais militares, já que por

causa da rotina, até me esqueço desses detalhes, mas, quando alguém me lembra da minha trajetória, é bem legal.

Do ponto de vista profissional, como a senhora se vê daqui a vinte ou trinta anos?

Acho que a FAB proporciona, principalmente para o oficial aviador, independente de ser homem ou mulher, a realização de novos sonhos. Entrei com um desejo pequeno, que era me formar, porque acreditava que meu sonho acabava ali. Depois que realizei, passei a criar novas expectativas. Meu próximo objetivo foi servir na Amazônia e consegui. Depois, passei a querer voar o avião que voou hoje, o EMBRAER 145, e consegui também. Então, temos a possibilidade de ir concretizando novos sonhos, baseado no nosso trabalho. Além disso, já tive a oportunidade de fazer alguns cursos dentro da FAB, como o Curso de Comunicação Social e o de Prevenção de Acidentes Aeronáuticos. Por tudo isso, estou caminhando em um rumo que gosto muito. Hoje, meu desejo é conseguir galgar os novos desafios e as novas expectativas que criei, como, por exemplo, ser promovida não só pela antiguidade, mas também por merecimento.

Daqui a uns vinte ou trinta anos, me vejo ainda voando, ou tendo a oportunidade de dar instrução. A FAB vai receber a aeronave KC-390 e já é um grande sonho poder voar esse avião. Seria muito legal, também, se eu tivesse oportunidade de comandar um Esquadrão Aéreo, porque sei que logo essas oportunidades vão surgir para as mulheres. Acho que vai ser

maravilhoso ver uma aviadora comandando um Esquadrão, contribuindo com a instrução aérea e com as demais atividades administrativas. Não tenho pretensão, nem vontade de sair da FAB. Quero construir a minha carreira aqui.

O LEGADO

Em novembro de 1980, o Decreto nº 85.324 determinou que a Força Aérea Brasileira criasse quadros específicos para oficiais temporários, cuja organização e composição seriam estabelecidas em um regulamento próprio. Então, foi criado o Quadro Complementar de Oficiais da Aeronáutica (QCOA) e outro de oficiais da reserva não remunerada, convocados, que mais tarde foi denominado Quadro de Oficiais da Reserva de 2ª Classe Convocados (QOCon).

Geralmente, os oficiais pertencentes a esses quadros chegam às fileiras da FAB com um elevado grau de capacitação, de formação acadêmica e de vivência profissional. Eles são convocados para “atender, em caráter temporário, em tempo de paz, a necessidades operacionais da Força Aérea, porventura não supridas pelos Quadros regulares de pessoal do COMAER, pertinentes às áreas profissionais de nível superior” (ICA 33-22, p. 8).

Esses profissionais, antes de serem designados para as Organizações Militares, passam por um estágio de adaptação, a fim de aprender os pilares da vida militar. Servem à FAB por, no máximo, oito anos e, após o tempo de serviço ativo, a vida desses militares segue outros rumos. Certamente, o período servindo em uma Organização Militar faz com que esses militares temporários saiam da caserna diferentes do que entraram.

Para falar sobre o legado deixado pela experiência de servir na FAB, entrevistou-se a Senhora Priscilla de Faria Scheer, que incorporou ao QCOA no ano de 1999, como advogada, atuando em assuntos jurídicos. Ela comentou sobre a experiência, os aprendizados, assim como os valores adquiridos as principais diferenças de se trabalhar no meio militar e no civil.



Priscilla Scheer

Senhora

Quais os valores e lições aprendidos na caserna que a senhora leva para a sua vida pós-FAB?

Após os anos de vida militar, trago ainda comigo algumas lições aprendidas, como a valorização do trabalho de equipe, a lealdade à instituição que representamos, e a necessidade de observar a máxima de que “missão dada, é missão cumprida.”

Quanto ao fato de ser mulher, a senhora percebe diferenças entre o tratamento recebido na FAB e o recebi-

do na sua experiência profissional no meio civil?

Penso que em todos os ambientes de trabalho, de alguma forma, existem tratamentos diferenciados pelo gênero, que às vezes são benéficos e adequados e, em outras, representam práticas discriminatórias.

Porém, acredito que no meio civil ainda existem mais situações discriminatórias do que na Força Aérea. Na FAB, a diferença no tratamento entre os militares existe em relação ao posto ou graduação e, também, à especialidade, mas, na mi-



Estagiária Priscilla durante o Exercício de Campanha realizado no curso de formação. (Fonte: Acervo pessoal Priscilla Scheer)

na experiência, nunca senti diferença no tratamento pelo fato de ser mulher.

Por outro lado, a Força Aérea possui em seus quadros muito mais homens do que mulheres, e penso que a mulher militar ainda tem que provar a sua capacidade com mais dedicação e destacar-se mais do que o homem para obter o mesmo grau de respeito profissional.

A senhora considera que existem diferenças entre a sua experiência profissional no período anterior e o período posterior ao trabalho na FAB?

Certamente. Apesar de ter ingressado na Força Aérea bem jovem, já possuía al-

guma experiência anterior. Mas o tempo dedicado à FAB foi determinante para influenciar a minha forma de trabalho e, portanto, toda a experiência profissional posterior.

Integrar as fileiras da FAB acrescentou algo no seu currículo, ou seja, contribuiu para o seu crescimento profissional?

Sim. A Força Aérea me proporcionou a participação em cursos de formação, seminários e eventos profissionais, inclusive internacionais. Além disso, propiciou a aquisição de grande experiência em instrução.



Ten Priscilla na formatura do curso de formação de oficiais. (Fonte: Acervo Pessoal Priscilla Scheer)

Os pilares do militarismo são hierarquia e disciplina. A senhora considera que esses valores ainda influenciam a sua prática profissional?

Considero a disciplina essencial para a prática profissional. Na minha área de trabalho existe muita pressão e necessidade de observância de prazos, o que exige ordem e disciplina para o cumprimento das tarefas.

De outra forma, no meio civil, especialmente no meio jurídico, não vejo muita influência do conceito de hierarquia. É claro que existem chefes e subordinados, mas são situações pontuais, que mudam de tempos em tempos. Não há uma hierarquia definida. Aquele que hoje é chefe, amanhã poderá ser subordinado ou par.

Qual foi a principal contribuição da FAB para a sua vida?

A Força Aérea ampliou a minha visão do mundo.

Por causa da FAB, tive a oportunidade de trabalhar com profissionais de várias formações e especialidades, e de todo o Brasil, o que considero muito construtivo, pois, em geral, os profissionais encerram-se em determinados grupos de formação profissional (médicos, advogados, engenheiros, etc.) e não adquirem a vivência de trabalhar em equipes multidisciplinares ou de conhecer diferentes pontos de vista.

Também tive a oportunidade de viajar e de conhecer diversas instituições, além de realizar cursos muito interessantes para a minha formação pessoal e profissional. O período passado na FAB foi muito feliz, me trouxe crescimento e grandes amizades.

DE CIVIL À MILITAR

Até hoje existem mulheres civis que trabalham na FAB e contribuem para o cumprimento das missões das organizações militares. Elas atuam nas mais diversas especialidades, vivenciam o dia a dia e acabam se familiarizando com o ambiente militar. Essa experiência despertou em algumas mulheres o desejo de “vestir o azul”. Desta maneira, prestaram concurso, fizeram estágio de adaptação e ingressaram nas fileiras da Força Aérea Brasileira.

Representando essas mulheres, entrevistou-se a Segundo-Tenente **Keyla** de Assis Waltz, formada em Museologia e que, após um período trabalhando como civil, no Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER), tornou-se oficial temporária. E também a Primeiro-Sargento **Luciene** Tostes Cardoso, que ingressou na Força Aérea ainda muito jovem, quando fez um concurso para entrar como civil e, depois, outro processo seletivo para integrar o Quadro de Suboficiais e Sargentos (QSS) da Aeronáutica.



Keyla

Segundo-Tenente

Como surgiu a oportunidade de trabalhar na Força Aérea Brasileira (FAB)?

Em 2014, reencontrei um amigo que estava trabalhando como oficial temporário na FAB. Comentei que era meu sonho entrar para as Forças Armadas, pois meu avô havia servido na Marinha. No ano seguinte, abriu um processo seletivo para museóloga civil no INCAER. Decidi participar, pois mesmo que não fosse como militar, eu estaria vivendo no meio que sempre sonhei.

Que diferenças a senhora sentiu em trabalhar como civil em um ambiente militar?

No início, foi bem estranho, porque eu ficava com medo de fazer algo errado, pois tinha a idéia que o ambiente militar era muito rígido. Mas logo as pessoas foram conversando comigo e me senti mais à vontade. O Chefe me explicou que a única diferença era que os oficiais tiravam serviço e eu não. Para não ter dúvidas sobre como agir, observava os militares e procurava me comportar da mesma forma.

Foi inusitado quando, na primeira reunião, o mais antigo entrou na sala e todos ficaram em posição de sentido. Apesar de ser civil, tive que permanecer em pé naquela posição. Com o tempo, fui adotando a mesma postura dos militares. Até quando ia me apresentar para tirar férias, fazia em posição de sentido. Isso virou motivo para brincadeiras por parte da equipe. Eu valorizava cada coisa que ia aprendendo e percebi que no meio militar havia hierarquia, disciplina e respeito, coisas que, hoje, são raras no meio civil.

Em relação ao trabalho, a diferença maior foi que, ao receber uma solicitação do Major-Brigadeiro, eu não poderia respondê-lo sem antes passar por uma cadeia de comando. Então, na minha opinião, essas foram as maiores diferenças.

Em que momento a senhora decidiu fazer o processo seletivo para entrar na Força Aérea?

Trabalhava como civil na FAB, mas rezava a todo instante pedindo para que abrisse o processo seletivo para a minha área. Quando abriu, alguns amigos me avisaram que havia vaga para Museologia. Lembro até hoje da emoção que senti, porque o meu sonho estava muito perto de se realizar.

Como foi o curso de adaptação?

Muito difícil. Apesar de ter recebido várias orientações, conselhos e instruções, não podia imaginar o que iria vivenciar. Eu estava um pouco acostumada, mas muitas pessoas sofreram um baque.



Museóloga Keyla (última à direita), ainda civil, em missão da Escola de Especialistas de Aeronáutica. (Fonte: Acervo Pessoal 2º Ten Keyla)

Logo nos primeiros dias, nós tivemos que nos apresentar de coque, sem brinco, maquiagem ou esmalte, de blusa branca lisa, calça jeans e tênis branco. Esse virou o nosso uniforme durante as duas primeiras semanas de curso.

Para nos adaptar à doutrina militar, a rotina era pesada. Eu tenho muito a agradecer a minha família, porque, quando chegava em casa quase sem conseguir andar, eles me ajudavam e colocavam gelo nos meus pés e joelhos que estavam sempre inchados.

Mas, o pior momento para mim foi carregar um mosquetão e uma mochila muito pesada durante todo o Exercício de Campanha. As atividades eram intensas e ocorriam também durante a madrugada. Teve uma hora que senti muita dor e tive vontade de desistir. Então, pensei em todas as pessoas que torceram por mim. Nesse momento, segurei o choro e repeti

para mim baixinho: “você não quis isso? Então aguenta, você é forte!”

Para mim, o curso foi muito além de uma adaptação à vida militar. Ensinou-me o quanto sou forte e me fez perceber como devo ser grata a Deus por viver com pessoas que compartilharam o meu sonho.

Existem diferenças entre trabalhar na FAB como civil e militar?

Não senti muita diferença na rotina, pois sempre me senti militar e me comportava como tal. Sempre fui muito atenta aos horários, ao cumprimento de prazos e à necessidade de tratar com respeito as pessoas que trabalhavam comigo. A diferença aconteceu nas questões inerentes à profissão, como tirar serviço, apresentar a tropa, ir a representações, fazer sindicância, estar sempre atenta aos regulamentos, dentre outras coisas.



*Formatura da Asp Keyla no curso de formação de oficiais.
(Fonte: Acervo pessoal 2º Ten Keyla)*

Conte sobre a sua carreira e o que espera para o futuro?

Só posso dizer que estou muito feliz. Sou militar, trabalho na minha área de formação, com a gestão do patrimônio cultural material e imaterial da Força Aérea. Amo o que faço. Trabalhar no INCAER é uma experiência maravilhosa. Como sou temporária, ou seja, trabalharei como militar na Força por, no máximo, oito anos, tenho a esperança que abra vaga para Museologia no Quadro de Oficiais de Apoio da Aeronáutica (QOAP) e que eu possa ingressar como militar de carreira.



Luciene

Primeiro-Sargento

Como surgiu a oportunidade de trabalhar na Força Aérea?

No ano em que completei dezoito anos, as Forças Armadas abriram um concurso para servidores civis, que foi organizado pelo, então, Ministério da Marinha. Passado o processo seletivo, constituído de prova e exame médico, os classificados foram distribuídos nos Ministérios Militares. Assim, após a aprovação e cumpridos os requisitos, fui nomeada e lotada no Ministério da Aeronáutica, onde ingressei no ano de 1994.

Quais as impressões que a senhora sentiu ao trabalhar como civil em um ambiente militar?

Tendo em vista tratar-se de meu primeiro emprego, não tinha parâmetros para comparar o ambiente militar com a vida civil corporativa. A novidade consistia em estar trabalhando formalmente pela primeira vez. Tudo era aprendizado. Desde o início de minhas atividades na FAB, minhas impressões foram as de um ambiente de seriedade, de muita dedicação profissional dos seus integrantes e, sobretudo, de cooperação e de camaradagem.

Em que momento decidiu fazer o processo seletivo para entrar na Força Aérea?

Ser militar fazia parte de um sonho de menina. Infelizmente, durante muito tempo a FAB não abriu concurso para o Corpo Feminino. Foi quando, já trabalhando há alguns anos no Ministério da Aeronáutica, tomei conhecimento do recém-criado Estágio de Adaptação à Graduação de Sargentos (EAGS), que buscava selecionar jovens com curso técnico em diversas áreas, indo ao encontro à minha formação profissional.

Como foi o curso de formação?

O curso de formação foi ministrado na Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR), em Guaratinguetá. Como a bagagem técnico-profissional constituía

pré-requisito para a admissão dos alunos, o estágio, de aproximadamente seis meses, consistia, quase em sua totalidade, em doutrina e em conhecimentos militares.

Tudo começou com a quarentena da turma. Para alguns, que já eram da Força, não havia grande novidade, mas nós, civis, experimentamos viver um novo mundo. O Esquadrão Branco se dividia entre o prédio feminino e o masculino. A rotina era pesada. Os alunos se empenhavam por décimos nas avaliações, pois qualquer ponto fazia diferença para a classificação, quando findo o curso. Todos esses meses de treinamento culminaram no acampamento e muitas histórias que lembramos com risos até hoje.

Nossa turma se formou basicamente para suprir as necessidades do Projeto SIVAM (Sistema de Vigilância da Ama-



Aluna Luciene (no detalhe) durante o curso na Escola de Especialistas de Aeronáutica. (Fonte: Acervo Pessoal 1S Luciene)

zônia), o que levou muitos a servirem em Manaus. Cabe salientar a excelência da formação dada aquele corpo discente. A formação dada na EEAR realmente é diferenciada e, por isso, lamento que muitos graduados que ingressam atualmente na Força não tenham a oportunidade de passar pelo Berço dos Especialistas, lugar de tradição e de orgulho. De lá, segui para o Serviço Regional de Proteção ao Vôo de São Paulo (SRPV-SP), no Aeroporto de Congonhas.

Existem diferenças entre trabalhar na FAB como civil e como militar?

Eu creio que a seriedade no desempenho da função, tanto para civis, como para militares, é a mesma. Trabalhei com excelentes servidores civis, dedicados e comprometidos. O que interfere no trabalho é a postura individual. Assim, a diferença se dá no cumprimento de atitudes inerentes à nossa própria formação militar. Somos treinados para termos comportamento e olhar diferenciados. É típico da nossa carreira o entendimento de que precisamos, enquanto profissionais de armas, ter a capacidade de tomarmos decisões frente a situações, termos iniciativa e não nos omitirmos, ainda que não façam parte do rol imediato de nossas atribuições. Ser militar é, sobretudo, fazer-se e estar pronto.

A senhora via diferenças enquanto civil e agora como militar por ser mulher?

Desde que ingressei na FAB, notei a necessidade de me impor como profissio-

nal. A mulher é encarada, quase sempre, como se trabalhar não fosse uma necessidade, mas escolha. Ela traz consigo a imposição de abrir seu próprio caminho, de se provar capaz. Hoje, a presença de mulheres nas organizações militares cresce a cada dia. Isso era bem diferente há vinte anos. Já no curso de formação, era latente, pois, em um universo de mais de mil alunos, entre Curso de Formação de Sargentos (CFS) e EAGS, pouquíssimos eram do sexo feminino. Quando cheguei ao SRPV-SP, havia apenas quatro mulheres, contando comigo, e mais tarde, no SRPV-RJ, eu era a única militar. Era nítida a falta de estrutura para acomodar o Corpo Feminino, inclusive, com a ausência de alojamentos em alguns quartéis. A mulher na FAB ainda era uma novidade.

Conte sobre a sua carreira e o que espera para o futuro.

Foi longo e sinuoso o caminho que percorri nesses últimos 24 anos, mas enriquecedor como pessoa e como profissional. Na área de Proteção ao Vôo, além do SRPV-SP, tive passagem pelo SRPV-RJ para, posteriormente, em 2001, integrar a equipe destinada a criar a Assessoria Jurídica da então Diretoria de Intendência (DIRINT), onde dediquei quase dezesseis anos de minha vida profissional. Em 2016, com a vinda para o Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER), surgiram novos desafios, novas missões e novas oportunidades de crescimento.

Apreendi um pouco por cada lugar onde passei e procurei deixá-los melhores a cada despedida. Servi com tantos bons



*1S Luciene recebendo a Medalha Mérito Santos-Dumont.
(Fonte: Acervo pessoal 1S Luciene)*

amigos e profissionais com os quais tive a grata tarefa de trabalhar e conviver. A FAB me trouxe muitos encontros felizes.

Muito se engana quem traduz como rudeza a disciplina militar, muito menos aquele que vê na mulher o sinônimo de fragilidade. Somos ternas, somos disciplinadas, mas somos, sobretudo, valentes. Construimos nosso espaço na direta proporção de nossa competência e dedicação. Para o futuro, espero continuar perseverando, dedicando-me e emprestando o olhar feminino à militar na qual hoje me transformei.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

BRASIL, Casa Civil. Lei nº 6.924, de 29 de junho de 1981. DF, 1981.

BRASIL, Casa Civil. Decreto nº 9.049, de 12 de maio de 2017. DF, 2017.

BRASIL, Ministério da Aeronáutica. Aviso nº 006/GM3/024, de 05 de Maio de 1995. DF, 1995.

BRASIL, Ministério da Aeronáutica. Decreto nº 85.324, de 05 de novembro de 1980. DF, 1980.

BRASIL, Ministério da Aeronáutica. Instrução do Comando da Aeronáutica (ICA) 33-22, de 06 de outubro de 2016. DF, 2016.

BRASIL, Ministério da Aeronáutica. Aviso nº 006/GM3/024, de 05 de maio de 1995. DF, 1995.

BRASIL, Ministério da Aeronáutica. Decreto-Lei nº 3.836, de 18 de novembro de 1941. DF, 1941.

BRASIL, Comando da Aeronáutica. Portaria nº 556-T/GC3, de 30 de julho de 2002. DF, 2002.

SITES CONSULTADOS

O que é História Oral. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral> . Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

Em 2017, ingresso das mulheres na FAB completa 35 anos. Folha Militar Online. Disponível em: <http://folhamilitaronline.com.br/em-2017-ingresso-das-mulheres-na-fab-completa-35-anos/> . Acesso em 18/04/2018.

Médica é a primeira mulher comandante de uma unidade da FAB. Força Aérea Brasileira. Disponível em: <http://www.fab.mil.br/noticias/mostra/21283/COMANDO---M%C3%A9dica-%C3%A9-a-primeira-mulher-comandante-de-uma-unidade-da-FAB> . Acesso em 18/04/2018.

Era uma vez, há 30 anos atrás... Mulheres Militares FAB. Disponível em: <http://mulheresmilitaresfab.blogspot.com.br/2012/06/era-uma-vez-ha-30-anos-atras.html>. Acesso em 26/04/2018.

As graduadas fizeram bonito. Mulheres Militares FAB. Disponível em: <http://mulheresmilitaresfab.blogspot.com.br/2012/06/as-graduadas-fizeram-bonito.html>. Acesso em 26/04/2018.

ENTREVISTAS

Cel Med Carla Lyrio Martins. INCAER, Rio de Janeiro, 16 de Agosto de 2017.

Ten Cel Dent Marcele de Oliveira Coimbra. INCAER, Rio de Janeiro, 14 de Agosto de 2017.

Ten Cel Int Sheyla Fernandes Sales. INCAER, Rio de Janeiro, 02 de Agosto de 2017.

Ten Cel QFO R1 Helena Gonçalves Francisco. INCAER, Rio de Janeiro, 28 de Julho de 2017.

Ten Cel QFO R1 Ester Ferreira da Nova. INCAER, Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 2017.

Cap Av Daniele Ferreira Cesar Lins Chycziy. INCAER, Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 2017.

1º Ten Av Thais Lemgruber Américo. INCAER, Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 2017.

2º Ten QOCon Tec (MUG) Keyla de Assis Waltz. INCAER, Rio de Janeiro, 19 de Março de 2018.

1S QSS SAD Luciene Tostes Cardoso. INCAER, Rio de Janeiro, 19 de Março de 2018.

Priscilla de Faria Scheer. INCAER, Rio de Janeiro, 31 de novembro de 2017.

A 1º Ten QOCon Tec (HIS) Elaine Gonçalves da Costa Pereira pertence ao efetivo deste Instituto e integra a equipe do SISCULT.



A 1º Ten QOCon Tec (HIS) Amanda Martins de Brito pertence ao efetivo deste Instituto e integra a equipe do SISCULT.





Conectando o passado, o presente e o futuro da cultura aeronáutica



INCAER - Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica
Conectando o passado, o presente e o futuro da cultura aeronáutica
www.incaer.aer.mil.br